

pentagrama

Lectorium Rosicrucianum

simpósio

Chamados pelo coração do mundo

Conduzir a criação à perfeição

Utilizar as ferramentas terrenas

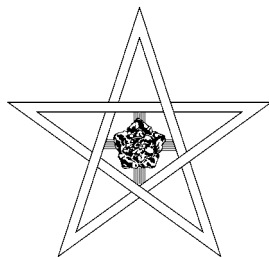
Ex deo nascimur, in lesu morimur, per spiritum sanctum reviviscimus

De quê o mundo mais precisa?

Positio Fraternitatis Rosae Crucis

Possam as rosas florescer em tua cruz

Chamados pelo coração do mundo

**Editor responsável**

A. H. v. d. Brul

Redação final

P. Huijs

Imagens

I. W. v. d. Brul, G. P. Olsthoorn

Redação

C. Bode, A. Gerrits, H. P. Knevel, G. P. Olsthoorn,
A. Stokman-Griever, G. Uljée, I. W. v. d. Brul

Secretaria

C. Bode, G. Uljée

Endereço da Redação

Pentagram
Maartensdijkseweg 1,
NL – 3723 MC Bilthoven, Holanda.
pentagram.lr@planet.nl

Edição Brasileira

Lectorium Rosicrucianum
C. Postal 39 13240-000 Jarinu, SP
livros@lr.org.br

Administração, assinaturas e vendas

Tel: (011) 4016-1817
Fax: (011) 4016-3405
livros@lrc.org.br

Responsável pela Edição Brasileira

M. D. Eddé de Oliveira

Revisão final

M. R. de Matos Moraes, M.V. Mesquita de Sousa

Tradutores e revisores

A. S. Abdalla, S. P. Cachemaille, J. Jesus,
A. Souto Maior, M. S. Sader, U. B. Schmid,
M.V. Mesquita de Sousa, C.H. Vasconcelos

Diagramação, capa e interior

D. B. Santos Neves

Lectorium Rosicrucianum**Sede no Brasil**

Rua Sebastião Carneiro, 215, São Paulo, SP
www.lectoriumrosicrucianum.org.br
info@lectoriumrosicrucianum.org.br

Sede em Portugal

Travessa das Pedras Negras, 1, 1º, Lisboa
www.rosacruzlectorium.org
info.portugal@rosacruzaurea.org

© Stichting Roze kruis Pers
Proibida qualquer reprodução sem
autorização prévia por escrito

ISSN 1677-2253

Revista Bimestral da Escola Internacional da Rosacruz Áurea Lectorium Rosicrucianum

A revista **Pentagrama** propõe-se a atrair a atenção de seus leitores para a nova era que já se iniciou para o desenvolvimento da humanidade.

O pentagrama tem sido, através dos tempos, o símbolo do homem renascido, do novo homem. Ele é também o símbolo do Universo e de seu eterno devir, por meio do qual o plano de Deus se manifesta. Entretanto, um símbolo somente tem valor quando se torna realidade. O homem que realiza o pentagrama em seu microcosmo, em seu próprio pequeno mundo, está no caminho da transfiguração.

A revista **Pentagrama** convida o leitor a operar essa revolução espiritual em seu próprio interior.

pentagrama

ano 32 número 1 2010

Simpósio em Renova “Chamados pelo coração do mundo”

Há, entre os franco-maçons, uma lenda muito antiga, uma lenda proveniente das lembranças que ressurgem dos Mistérios em cada período vivido pela humanidade. Essa lenda se reporta ao momento maravilhoso que virá num longínquo amanhã, quando haverá sete templos, sete oficinas herméticas. E em certo grau, há um ritual, uma cerimônia no coração da qual um irmão diz a outro irmão: “Que os outros seis templos possam vir em breve, irmão.” E a isso replica aquele a quem foi dirigida a palavra: “Sim, eles virão”.

J. van Rijckenborgh

Grande foi nossa alegria quando, em 23 de maio de 2009, por ocasião do simpósio “Chamados pelo coração do mundo”, conferencistas e visitantes de todos os tipos de movimentos se encontraram em Renova, em cordial harmonia, reconhecendo-se como buscadores a caminho da Luz na esfera espiritual da terra.

A redação da revista Pentagrama rejubila-se por poder apresentar os pensamentos apresentados nesse dia a um grande público internacional.

sumário

são resultados, e não idéias,
que ajudam a humanidade **2**
lex van den brul

conduzir a criação à perfeição **5**
wies kuiper

utilizar as ferramentas terrenas **10**
henk masselink

ex deo nascimur, in iesu morimur,
per spiritum sanctum reviviscimus **16**
willem e. scherpenhuijsen rom

de quê o mundo mais precisa? **22**
johannes witteveen

positio fraternitatis rosae crucis **28**
klaas-jan bakker

possam as rosas florescer em tua cruz **36**
ger westenberg

chamados pelo coração do mundo **43**
joost r. ritman

conclusão **51**

Capa:
impresso do dia do simpósio

São resultados, e não idéias, que ajudam a humanidade



palavras introdutórias de
LEX VAN DEN BRUL

Em 23 de maio de 2009, sete oradores ligados a sete organizações espirituais diferentes direcionaram um apelo à sociedade com vistas às profundas mudanças de todos os aspectos da vida com inspiração, com clara percepção, significado e diálogo.

Em nosso dilacerado mundo materialista e racionalista cresce grande anseio por uma espiritualidade verdadeira: a restauração da ligação com o Espírito uno, que dá vida à criação inteira e se encontra também em nosso interior mais profundo.

Trata-se de uma ligação que traz iluminação e harmonia. Para encontrarmos essa profundidade dentro de nós mesmos, devemos aprender a negar nosso pensar e sentir egocêntricos. Dessa maneira podemos alcançar outra vez nossa consciência original, a alma original. Porque ela é uma irradiação da alma do mundo que liga todos com todos.

Sentimo-nos imensamente felizes em poder saudar-vos neste dia muito especial no Centro de Conferências Renova, onde acontece o encontro dos sete representantes das correntes espirituais dos Países Baixos. Nesta ocasião eles terão a oportunidade de apresentar um chamado a todos os que buscam valores espirituais superiores, de interesse do ser humano. Saudamos, particularmente, de todo o coração, os sete conferencistas e representantes dos sete movimentos que aqui tomarão a palavra.

Senhora Wies Kuiper da União Teosófica dos Países Baixos,

Senhor Henk Masselink, membro da Ordem da Franco-Maçonaria do Capítulo dos Altos Graus dos Países Baixos,

Senhor Willen E. Scherpenhuijsen Rom, em nome da Sociedade Antroposófica dos Países Baixos, Professor Johannes Witteveen, em nome do Movimento Sufi dos Países Baixos,

Senhor Klaas Jan Balder, em nome da Ordem Rosacruz AMORC dos Países Baixos,

Senhor Gerrit Westenberg, que representa a Rosacruz de Max Heindel nos Países Baixos,

Senhor Joost Ritman, em nome do Lectorium Rosicrucianum, e Senhor Peter Huijs, autor do

livro *Geroepen door het Wereldhart* (Chamados pelo



coração do mundo), recentemente lançado, e que também é um dos motivos especiais deste dia. Este é o dia em que fazemos soar o chamado para um novo comportamento, para uma total transformação e renovação do ser humano chamado pela Alma do Mundo, pela Luz do mundo superior das almas viventes.

Chamados pela Alma do Mundo, a Luz do excelso mundo das almas.

Estamos convictos de que os sete movimentos aqui presentes elevam bem alto essa idéia em seus espartes, e de que cada um falará e dará testemunho dela segundo sua compreensão e suas convicções.

Se nos permitirdes demorar um pouco sobre a simbologia dos números, o dia de hoje, 23 de maio, está duplamente sob o signo do número cinco, o número de Mercúrio, o mensageiro dos deuses. É o mensageiro que deseja ter acesso à inteligência e ao espírito do ser humano para lembrá-lo de sua origem divina. Esperamos ardentemente que a mensagem da Gnose universal, que é “ir, em plena consciência, ao encontro de uma renovação espiritual”, soe hoje com toda a força nos corações e que possa, daí, prosseguir.

Estamos hoje reunidos neste Centro a fim de refletir sete vezes de modo particular. Foi com base na mesma aspiração que a Direção Espiritual do Lectorium Rosicrucianum, Jan van Rijckenborgh e Catharose de Petri, deram o nome “Renova” ao templo edificado neste local. Renova, a “Renovação”, o ponto central do trabalho espiritual. No dia da consagração deste templo, no Natal de 1951, Jan van Rijckenborgh disse:

“Chamamos este templo, esta oficina de trabalho, de Templo de Renova. Um centro espiritual e um centro de conferências de renovação: Renova. Por conseguinte, nós, como muitos outros, praticamos a renovação. Eis por que desejamos que atenteis menos para nossas palavras, para nossas opiniões e para a estrutura de nossos métodos, e muito mais para os resultados. Propomo-vos que vos interesseis mais precisamente pelos resultados do trabalho de renovação, assim como de nossa parte temos os olhos fixos sobre os eventuais resultados do imenso trabalho efetuado aqui e ali no mundo. Não são idéias, mas resultados que devem contribuir para nos unir, para juntar e estimular a humanidade. É suficiente observar que nosso objetivo consiste

em uma renovação total da razão e do espírito, uma renovação de natureza pessoal, fundamental e portanto igualmente estrutural dos buscadores e das pessoas interessadas. Quanto à *força* com base na qual queremos trabalhar, referimo-nos à idéia que está presente em todas as religiões mundiais, a saber: ‘na força divina podemos realizar tudo o que o Espírito do Coração do Mundo nos impele a fazer’. Ou como Paulo o exprime: ‘Posso todas as coisas em Cristo que me fortalece’. Muitos outros grandes em espírito designaram por outros termos e definições a vivência real e a atuação sistemática dessa força descrita por Paulo.

Isso nos remete à força da substância original que liga tudo o que é *espiritual*. Com o ‘fluido’ de Cristo, com essa energia atemporal, queremos trabalhar. Com a substância primordial onipresente conduzida e dirigida pelo Espírito universal, fazemos a tentativa da renovação. Ouvis falar sobre isso nos *Upanixades*, nos papiros de Hermes e em Plutarco; ledes a respeito disso nos *Vedas*, nos livros de sabedoria da China, na Cabala, na Bíblia, nas obras dos neoplatônicos, de Rumi e dos rosa-cruzes de todas as épocas. Como em todos os tempos e igualmente para o homem atual, a substância primordial do Espírito é a suprema e única matéria que pode ser trabalhada e da qual há uma necessidade imperiosa para a renovação do corpo, da alma e da consciência.”

Queremos, com isso, dar início a este dia. E acreditamos que a mensagem dos deuses, de Mercúrio, irá nos transmitir a Gnose universal, de modo que, em nossos pensamentos e em nossas ações, possamos empreender uma verdadeira renovação espiritual, na esperança de dar nossa contribuição à premente renovação de toda a humanidade, renovação pela qual tantos aspiram. Assim, pois, damos agora por aberto este simpósio ✨

conduzir a criação à perfeição



Wies Kuiper

A senhora Wies Kuiper é presidente da Sociedade Teosófica nos Países Baixos.

Com a Teosofia tem início, em 1875, a grande renovação e o despertar espiritual desde o nadir da materialidade. Por isso, essa jornada é também uma homenagem à mulher que fundou a Teosofia, Helena Petrovna Blavatsky. Ela obedeceu uma indicação de seu mestre, e nós a citamos: “M. deu-me a missão de fundar uma sociedade – uma sociedade secreta como a loja da Rosa-Cruz. Ele prometeu me ajudar.”

A SOCIEDADE TEOSÓFICA

A Sociedade Teosófica foi fundada em 1875 a fim de “reunir e propagar o conhecimento das leis que regem o universo” e de fundar um centro “da fraternidade universal da humanidade”. A sociedade foi fundada nos Estados Unidos, mas a sede central logo passou para a Índia. Helena Petrovna Blavatsky von Hahn (1831-1891), mais tarde conhecida como HPB, havia passado vários anos em monastérios budistas. Neles ela adquiriu profundo conhecimento esotérico sobre os antigos escritos indianos – como os *Vedas*, os *Upanixades*, o *Bhagavad Gita* – e sobre a ioga. Ela também conhecia muito bem as escolas e caminhos iniciáticos egípcios, gregos e romanos, e freqüentemente se referia às obras de Platão, Aristóteles, Ammonius Saccas, Plotino, Valentino e Basílio, e aos escritores europeus do século 19.

H.P. Blavatsky explica esse conhecimento em *Ísis sem véu*, *A doutrina secreta*, *A chave para a Teosofia*, e sobretudo no pequeno tesouro que é *A voz do silêncio*. Embora ela se ocupe das concepções da sociedade, Henri Steel Olcott é, desde o princípio, diretor do plano organizacional. A Sociedade Teosófica faz Oriente e Ocidente se reencontrarem e inspira a humanidade a buscar a verdade. A verdade em nós mesmos e ao nosso redor. Essa busca é também uma busca pela voz do silêncio, na qual ressoa o chamado do coração do mundo.

O título deste simpósio, “Chamados pelo coração do mundo”, já orienta sobre o tema particular de que falaremos hoje, talvez mesmo de modo um tanto místico. O poema de abertura não foi escolhido por acaso; para mim, a intenção é determinar desde o princípio a atmosfera deste simpósio.

O que quer dizer “o coração do mundo” não é evidente para todos e cada um e... será que no mais profundo de mim mesmo, eu não o sei? Como saber que somos chamados se não sabemos para quê? Se não compreendemos a linguagem? Na linguagem, “o coração do mundo” é masculino, mas, a meu ver, ele deveria ser andrógino, um ponto em que todos os antagonismos deveriam ser suprimidos, em que a dualidade deveria tornar-se unidade.

No evangelho gnóstico de Filipe, do qual uma parte é claramente valentiniana e outras partes parecem fundamentadas na antiga filosofia hindu, o tema é tratado admiravelmente sob a forma do símbolo da câmara nupcial, o símbolo das núpcias entre a natureza inferior e a natureza superior do ser humano, ou entre seu eu inferior e seu eu superior.

E o que pode trazer a Teosofia para uma melhor compreensão do significado desse tema, ou ainda, que pode trazer a filosofia teosófica para aprender a escutar e a compreender esse chamado? Para nós, como conferencistas, essa é a nossa missão. Que podemos oferecer à humanidade?

Na mídia, fala-se sem cessar de uma crise ecológica, e quer-se remediá-la de todos os modos possíveis. Mas é importante nos darmos conta de que

é preciso trabalhar com base no centro espiritual da Terra, do mundo, talvez mesmo com base no pensamento cósmico.

Mas esse é o ponto nevrálgico: como chegar a saber, a conhecer esse pensamento? A condição preliminar será ouvir o paciente: a Terra como ser vivente, e o que ela pode nos ensinar de seu profundo centro espiritual.

Os teósofos são pessoas que crêem, que buscam a verdade, ou seja, o núcleo espiritual ou divino das coisas. E sabemos daí que em realidade não há senão um único modelo de tudo o que existe, das coisas mais ínfimas às maiores galáxias, e que nós, homens, somos formados segundo o mesmo modelo.

Por isso, o mais simples é começar pelo homem, tentar descobrir e aprender o que está verdadeiramente em sua essência. Assim conheceremos o modelo e poderemos traçar as linhas essenciais. Isso parece muito técnico, mas aqui também se aplica a antiga lei hermética: “Assim como é em cima, assim é embaixo; assim como é fora, assim é dentro”.

Um cirurgião deve igualmente saber como funciona o sistema nervoso e se ele pode ou não estabelecer ligações para que o conjunto funcione novamente.

Bem, mas o que é o homem, quem é ele? Na maioria das religiões habitualmente se diz que o homem possui uma alma e um espírito. Na Teosofia dizemos que o homem é espírito, que ele tem também uma alma e um corpo e que ele é sétuplo. Isso parece complicado, mas é mais fácil de compreender quem esse homem é e por que

esse “chamado do coração do mundo” não ressoa nele alto e forte.

Mas observemos de mais perto o modelo do homem, modelo que é o mesmo para toda a criação. Ele possui um corpo material, físico, que está assentado nesta sala, sobre uma cadeira. Ele possui também um corpo etérico, ou corpo vital; um corpo astral, ou corpo de emoções e sentimentos; e um corpo mental gerador de pensamentos que se ocupa geralmente em saber se o que temos neste mundo não deixa nada a desejar.

São pensamentos voltados para os desejos do corpo físico, mas certamente também para os do corpo das emoções e sentimentos. É a essa parte que o homem dá mais energia, mais atenção. Ele dá mais de noventa por cento de seu tempo a essa parte de seu ser. Esse corpo mental apresenta ainda outro lado, um lado voltado para o ponto interior central de seu ser mais profundo.

Entretanto, entre essas duas partes do corpo mental se encontra um tipo de membrana que as divide. Essas duas partes do corpo mental parecem não se entender, havendo entre elas uma espécie de falso contato.

Por fim, o homem possui um corpo “búdico”, o corpo da intuição, mediante o qual ele pode alcançar o centro mais profundo de si mesmo, o corpo “átmico”. Pelo corpo búdico o homem se torna um com todos os seres viventes; pelo corpo átmico ele se torna um com a própria vida.

Poderíamos imaginar que o coração do mundo significa o princípio cósmico mais elevado e que o ser humano a ele é ligado mediante seu centro mais profundo; que ele pode, como tal, ouvir e compreender esse chamado, pois haverá, no domínio mais elevado, uma linha direta do coração do mundo ao coração humano.

Esse chamado é na maioria do tempo perturbado ou misturado por um bloqueio do poder mental, conforme indiquei, um tipo de falso contato que faz que a verdadeira mensagem não seja bem recebida. Às vezes atribuímos esse fenômeno à

diferença entre o saber da cabeça e o saber do coração.

Há tanto barulho de fundo no canal que liga os dois lados do corpo mental que é necessário um filtro muito bom para que essa voz seja compreendida. E não estamos tão ocupados com tudo que preenche a vida cotidiana que, se algo termina por ser entendido, o repelimos rapidamente dizendo “ainda não”? Não estamos dispostos a dedicar muita energia, mas quando se trata de resultados de jogos de futebol, por exemplo, prestamos, por assim dizer, toda a atenção aos alto-falantes para melhor escutar!

E não obstante, é esse poder mental que orienta nosso interesse. Ele está voltado para a terra, para a matéria? Ou para o espírito, para o mistério? É a faculdade do pensamento que deve operar a mudança, o próprio homem é que deve escolher passar da consciência inferior para a consciência superior. O chamado do coração do mundo encontra-se numa frequência superior que devemos harmonizar com uma frequência inferior para que o ouvido humano possa captar.

No nível superior não há problema. Mas há também uma ligação possível entre esses dois domínios chamada em sânscrito de *antahkarana*.

É exatamente no nível em que vivemos que damos nome às coisas para designá-las. E sobretudo numa ocasião como a de hoje, pois esse é o conceito central. Trata-se com efeito de saber como abrir em nós mesmos o canal entre as duas partes do corpo mental a fim de entrar em contato com o coração do mundo.

A primeira frase de *A voz do silêncio*, o primeiro fragmento do Livro dos Preceitos Áureos, traduzido e anotado pela senhora H.P. Blavatsky, um dos livros de base da Sociedade Teosófica, é: “Quem quiser ouvir a voz de Nâda, o Som Insonoro, e compreendê-lo tem de aprender a natureza de Dhâranâ. Dhâranâ significa concentrar profunda e totalmente o pensamento num conceito interior desviando-se completamente do mundo exterior.

A voz do coração do mundo vos preenche de amor, de uma intensa alegria interior e de um sentimento de unidade com todos e com tudo

Antes que nosso ouvido interior possa ouvir e compreender é preciso nos abstrairmos completamente do mundo exterior. É fácil de dizer, mas como fazê-lo? Se tenta, o homem se revela um tipo de pequeno acrobata: ao fim da tensão ele volta imediatamente ao estado inicial.

Cada grupo aqui representado mostra seu método de trabalho específico na matéria. Eis o método da Teosofia: estudo, meditação e trabalho.

Parece simples. Possibilidades de estudo há em profusão na Teosofia, todo tipo de esquemas de evolução para mostrar prontamente, ou obras profundas de cientistas e pensadores como Platão, Plotino, Valentino ou Hermes, e os autores dos antigos Vedas; e o *Bhagavad Gita* e os *Upanixades*.

Entre nossos objetivos, citamos, por exemplo, o estudo das religiões, da filosofia e da ciência. Isso pode nos fornecer numerosos conhecimentos, mas o acúmulo de conhecimento não é o objetivo.

Ao estudar profundamente uma religião ou uma filosofia, podemos chegar a compreender a unidade de todas as coisas, a saber: que no fundo elas miram todas o mesmo objetivo. Na Cabala é dito: “Se queres capturar o invisível, é necessário penetrar o mais profundamente possível o visível”.

E Phil Bosman, uma poetisa holandesa, autora de pequenos poemas às vezes de um único verso, diz: “Se queres tomar o céu de assalto, é preciso empreender um ataque à terra”.

Valentino, um gnóstico do princípio do século 12 de nossa era, declara: “O autoconhecimento é o conhecimento de Deus. Não é um conhecimento intelectual, mas o conhecimento do coração”. O

autoconhecimento quer dizer: conhecer o princípio superior que se encontra no interior de nós mesmos, o domínio átmico onde o homem acede à própria vida e é uno com ela, ou seja, com o coração do mundo.

É importante entender que nosso cérebro físico está previsto para funcionar na consciência de vigília quando as representações mentais seguem os caminhos comuns. Mas se nos dirigirmos ao domínio do esoterismo, precisaremos de outros circuitos cerebrais; e deveremos começar por constituí-los nós mesmos por meio de exercícios. Assim, H.P. Blavatsky fala de elaborar uma ordem diferente em todas as pequenas células cerebrais. Sim, dessa forma, pouco a pouco, chegaremos à meditação.

Grosseiramente falando, a meditação tem por objetivo um vazio ou um silêncio do pensamento para apaziguar, harmonizar o tumulto habitual que reina em nosso cérebro, de modo que, estando o ouvido externo menos saturado, o ouvido interno adquira a possibilidade de ouvir, de entender e compreender.

Há numerosos exercícios de ioga e meditação com essa finalidade. Na Teosofia encontramos muitas obras que tratam, entre outras, das diferentes formas de ioga e meditação. E no livro já citado, *A voz do silêncio*, H.P. Blavatsky indica em termos claros a maneira de viver antes de poder ouvir essa voz. Cito um trecho: “para te tornardes o conhecedor do eu total deves primeiro ser o conhecedor do eu. Para alcançar o conhecimento desse eu, tens de renunciar o eu ao não-eu, o ser ao não-ser”.

O *Bhagavad Gita*, uma parte da epopéia indiana do Mahabharata, também fala assim. Entretanto há perigos inerentes a essas tentativas de ouvir uma voz interior. Assim podemos ler no verso 35 do quarto capítulo do *Bhagavad Gita* que frequentemente acontece de um discípulo confundir o chamado de emoções e desejos impuros com a voz da intuição. Mas como saber se essa é a voz do silêncio ou a voz do coração do mundo? Penso que podemos enumerar algumas qualidades: essa voz o preencherá de amor, de uma alegria interior intensa, de um sentimento de unidade, de harmonia com tudo e com todos. E ela incitará ao trabalho. Porque ainda não falamos do trabalho. O trabalho a serviço de todos os seres viventes por certo, pois sabemos que fazemos parte do todo. Mas também um trabalho para nós mesmos, o trabalho preparatório necessário para poder ouvir a voz. Mas esse trabalho comporta várias armadilhas expostas de modo magnífico no pequeno livro intitulado *Aos pés do mestre*, o primeiro livro de Jiddhu Krishnamurti. Ele adverte o leitor que considere bem sua própria motivação antes de fazer qualquer coisa para quem quer que seja. Você age de modo a ser colocado sobre um pedestal do qual nada pode fazer senão cair? Às vezes acontece que, para suas boas ações, alguém se torna dependente de você e abandona a própria independência, e isso não deve ser o objetivo.



Antes de tudo é necessário examinar de onde vem essa tendência de ajudar ou de fazer o bem. Esse impulso vem de seu ego, de seu eu, ou é a pura compaixão? Parece fácil responder a essa questão, mas somos capazes de recusar ver as coisas de frente. Nesta curta exposição tentei traçar as grandes linhas da maneira de desenvolver em nós mesmos um canal puro que permitisse entender e compreender o chamado do coração do mundo. E ao mesmo tempo dar-nos o poder de discernir o que nos vem do subconsciente.

Porque o discernimento é o primeiro passo no caminho. Naturalmente, cometeremos erros, nos deixaremos facilmente desviar e frequentemente teremos medo de nos fatigar. Porque trata-se de vigilância permanente preservar o caminho livre sem relaxar, de modo que o contato seja sempre estabelecido. Mas, com o correr do tempo, teremos muita experiência para ousar confiar em nossa força interior; terminaremos por adquirir discernimento, e descobriremos com alegria em nós o chamado do coração do mundo. Somente então nos tornaremos instrumentos desse coração do mundo, pois não basta ouvir o chamado, é necessário também agir para oferecer um fio condutor à humanidade, e a nós mesmos, e conduzir a criação à perfeição ✪



utilizar as ferramentas terrenas



Henk Masselink

O senhor Masselink é médico e membro da Ordem dos Franco-maçons do Capítulo dos Graus Superiores dos Países-Baixos.

A franco-maçonaria trabalha de modo diferente de outros grupos. Ela não possui um sistema filosófico, mas trabalha com metáforas, símbolos e rituais. Seus princípios centrais são “Homem, conhece-te a ti mesmo” e “É importante para você”, que levam o maçom ao auto-exame e à decorrente compreensão da responsabilidade social.

O Príncipe Soberano da Rosa Cruz (o segundo maior na loja franco-maçônica) está particularmente voltado para o simbolismo da rosa e da cruz. Desde o século 17, os membros da franco-maçonaria compreendem a arte da construção interior e deixam trabalhar em si mesmos a força do Verbo criador.

Além do mais, no decorrer dos séculos, eles ofereceram aos rosa-cruzes um porto e também um abrigo.

De acordo com seus hábitos práticos como médico, diariamente o senhor Masselink se dá conta das desastrosas conseqüências do apego às certezas ilusórias desta vida.

Quem assume a responsabilidade de sua própria vida, ao mesmo tempo também assume responsabilidade pela sociedade.

Após a fundação, em 1717, da primeira Grande Loja inglesa, a Franco-Maçonaria espalhou-se muito rápido na Europa e depois nos outros continentes. Em 1770, a Grande Loja holandesa foi reconhecida pelos ingleses como uma célula maçônica autônoma. Um trecho dos princípios básicos da “Ordem dos Franco-Maçons do Grande Oriente dos Países Baixos” fundada em 1803 é: “Para que possa tomar forma o ideal de uma fraternidade que une todos os homens, os franco-maçons buscam o que os une e tentam suprimir o que os divide. Além disso, eles aceitam ter responsabilidade pessoal quanto ao mundo que consideram uma construção a ser aperfeiçoada, da qual cada ser humano é uma pedra viva.” O único caminho que a conduz à Palavra do Mestre é o caminho do amor que se dá por inteiro, é ele que permite encontrar a Palavra do Mestre. “Via Crucis, via Lucis: o caminho da Cruz é o caminho que leva à Luz”. Para quem orienta sua vida pela Palavra do Mestre, a rosa pode desabrochar na cruz em todo o seu frescor juvenil. Para quem o fogo consagrado do amor é inextinguível, a cruz com a rosa nunca será um fardo, mas um maravilhoso apoio. A Franco-Maçonaria trabalha de forma diferente da maior parte das associações esotéricas. A Ordem não conhece sistema filosófico, mas trabalha através de metáforas, rituais e símbolos. Os dois princípios fundamentais são: “Homem, conhece-te a ti mesmo” e: “Tudo é de tua responsabilidade”. O franco-maçom assim é colocado frente à introspecção e ao fato de que o autoconhecimento chama à responsabilidade. A partir do século 17, os membros da Franco-Maçonaria compreendiam interiormente sua função de construtores e deixavam trabalhar através deles o poder do Verbo criador. Foram eles também que, ao longo do tempo, deram refúgio aos que eram rosa-cruzes.

A ORDEM FRANCO-MAÇÔNICA DO CAPÍTULO DOS GRAUS SUPERIORES DOS PAÍSES BAIXOS

VOCÊS SE LEMBRAM DO ELEFANTE ANABEL? No jardim zoológico de Emmen, este ano, no início do mês de março, houve um espectáculo triste de ver: as tentativas desesperadas para tirar um elefante de 45 anos que pesava 3000 quilos de um fosso seco. Ele brincava com outros elefantes quando caiu. Infelizmente, uma injeção foi necessária para tirar Annabel de seus sofrimentos, e o jardim zoológico perdeu seu mais antigo habitante. No dia seguinte, uma fotografia no jornal mostrava os outros elefantes que examinavam o lugar da desgraça. Reuniam-se em grupos de três ou quatro e raspavam ligeiramente o solo urinando. Um ritual na natureza, um ritual natural... No mesmo jornal havia uma fotografia de Jumbo, o elefante de bronze fabricado pela fábrica de brinquedos do mesmo nome. Vândalos tinham-no arrancado de seu pedestal, e ele equilibrava-se ainda instavelmente sobre um pé e uma presa. Outro ritual...

do homem... mas humano? Estranho, porque afinal de contas, o homem ocupa um lugar diferente do animal na natureza? Outros critérios são aplicáveis ao homem?

No jornal holandês NRC de 1.º de maio (!) deste ano leio: “Não é chamado de terrorista mas de solitário. Talvez o novo terrorista seja efetivamente solitário. Esse desesperado é quase sempre um homem silencioso que leva uma vida retirada; e em seu isolamento alimenta seu rancor até tornar-se um monstro violento que toma sua vingança contra o mundo que o esqueceu. É então que chega seu precioso momento”.

Um dia depois leio no mesmo jornal: “Lidamos como se fosse com uma catástrofe natural - sempre houve loucos, certamente. Mas ninguém nunca se perguntou: dado que sempre houve loucos, por que é a primeira vez que, na história holandesa, isso aconteceu precisamente no ‘Dia da Rainha’? Porque, atualmente, um louco holandês



é dominado pela ilusão de que será absolvido perpetrando um atentado contra a casa real, e com uma única arma: um carro Suzuki Swift?

Antigamente os loucos acreditavam ser Napoleão... ou Deus... Até onde o homem pode ignorar interiormente sua compaixão e o seu respeito? Onde estão a cultura e a civilização; ou para citar o cantor holandês Youp van 't Hek durante sua conferência de novo ano: “Onde encaixaremos assim terrivelmente?”

Mas é tão surpreendente que os homens se desorientem em nossa sociedade? Como clínico geral em uma aldeia entre Amsterdã e Alkmaar, testemunho as enormes mudanças que preocupam todos nós.

Para citar apenas algumas:

- A enorme onda de informação disponível (pensem na televisão e Internet) não pode ser assimilada sem conhecimentos. Para um médico, é às vezes penoso ter de convencer um doente que o diagnóstico encontrado em alguns minutos na Internet não está necessariamente de acordo com a realidade. Não se pode varrer anos de estudo. E no entanto a palavra da vizinha pode ter maior impacto que a minha informação baseada em meus conhecimentos e em minha experiência. A grande lacuna entre informação e conhecimento leva a uma confusão crescente e faz de nós brinquedos à mercê de buscadores de sensações.

- Outro aspecto: a hipocrisia. Um exemplo: as nossas despesas de saúde são pagas por um

seguro-saúde. O nome em holandês implica que se toma “cuidado” da saúde da população. Mas isso é falso. Trata-se unicamente de calculadoras que entram em concorrência. O homem já não está no centro, mas os números, os códigos e o dinheiro. E isso de maneira anônima e inacessível, atrás dos menus de secretárias eletrônicas.

- Um terceiro elemento: em nossa sociedade, para dar aos fracassos outra dimensão pusemos-lhes novos rótulos. E a consequência é que já não somos nós mesmos os responsáveis.

Por exemplo: as crianças muito distraídas ou às quais falta estrutura educacional ou escolar, são perturbadoras; então são rotuladas de TDAH (Transtorno do Déficit de Atenção com Hiperatividade). Temos mesmo uma pílula para isso. Adultos cansados pelo estresse pela pressão de nossa sociedade sofrem de SFC (síndrome de fadiga crônica) e já não podem ser completamente curados.

Se refletíssemos sobre tudo isso, poderíamos estabelecer uma relação entre a individualidade, tão prezada por nós todos, e o anonimato, o isolamento. Curiosamente há também uma necessidade extrema de manifestações exibicionistas com todo o voyeurismo que necessariamente segue junto. Viva o Big Brother. E isso numa sociedade onde o respeito pelas forças provocadoras baixa consideravelmente, onde recompensas oferecem um contraste gritante com os desempenhos realizados. Mas por que essas especulações amargas, sombrias e tristes? Por que querer sair da sensação eufórica de uma viagem

pode-se estabelecer de um lado uma relação entre a celebrada individualidade através do anonimato até o isolamento, e de outro lado a grande necessidade de exibicionismo e voyeurismo

em comum para o Coração do Mundo? Por que incomodá-los assim brutalmente no meio de um sonho tão bonito? Fazemo-lo devido uma defasagem: a defasagem entre o mundo que nos cerca e o que acabo de descrever e as necessidades do homem que vive neste mundo. Porque o homem tem séria necessidade de pontos de referência, de instituições humanas acessíveis e responsáveis, com as quais pode falar de suas preocupações e das quais podem receber ajuda.

Isso é tão necessário que a calma mental, a visão global e a confiança desapareceram em muitos. A falta de perspectiva e de um sentido para a existência faz a vida extremamente superficial e vazia, e a fina camada de verniz que a cobre pode deteriorar-se rapidamente.

Como chegamos a isso? Temos uma resposta?

No texto da última canção dos Cantos de Rückert, tão admiravelmente transformada em música por Gustav Mahler, lemos:

*Desapareci do mundo,
com o qual aliás já perdera muito tempo;
já há tanto tempo ele não ouve notícias minhas
que bem pode pensar que morri!
Para mim também não importa
se ele acha que morri.
Também não posso dizer nada sobre isso,
pois de fato morri para o mundo.
Morri para o tumulto do mundo
e repouso numa região silenciosa.
Vivo sozinho em meu céu,
em meu amor, em minha canção.*

É portanto possível. E é também possível na nossa sociedade em 2009; é possível retirar-nos a nosso próprio anonimato, que é também formado pela sociedade que nos cerca, na qual vivemos, trabalhamos e para onde vamos voltar daqui a pouco, após este dia.

É sobre essa base que voltamos à loja como franco-maçons. Estamos bem conscientes quando passamos pela porta de entrada de nosso terreno de construção, onde deixamos para trás a vida diária, o Ocidente, e onde voltamos para o Oriente, com o norte à esquerda e o sul à direita. Acima de nós, o céu estrelado, infinitamente elevado; debaixo de nós, o ponto mais profundo de nossa terra. E nossos dois pés fincados neste lugar de trabalho, sobre o solo de quadrados pretos e brancos: as duas dimensões indissolivelmente ligadas de nossa vida como homens na terra.

Antes do franco-maçom entrar na sala, ele coloca um avental e luvas brancas, assume a postura da fidelidade, a mão sobre o coração; bate na porta e sabe que “aquele que procura encontrará, àquele que pede, dar-se-lhe-á, e àquele que bate abrir-se-lhe-á.”

Ao entrar no terreno de construção, o franco-maçom diz a senha ao guardião da porta. Simbolicamente, a senha é dita pelo irmão para sinalizar que ele está habilitado a participar nos trabalhos. Mas em sentido mais profundo, é um ato consciente para entrar em outro lugar: deixar para trás o Ocidente, a sociedade, e abrir-se ao “numinoso”. O que digo aqui é uma abordagem pessoal

nesse canteiro, nessa loja, o aluno começa a trabalhar a pedra bruta que é ele mesmo, um trabalho que não tem fim

do que a Franco-Maçonaria pode fazer conosco. E é bom observar que falo pessoalmente. Porque a Franco-Maçonaria não é uma religião e também não tem doutrina. Consequentemente, não temos mestres. Em contrapartida, temos figuras simbólicas, como o guardião, do qual falei há pouco. O franco-maçom segue um caminho de desenvolvimento que o faz passar do estado de aluno ao de companheiro e em seguida ao de mestre.

Nessas diferentes funções, ele pode também passar por esse mesmo processo em três fases. E é importante tomar consciência de que essas funções representam elementos da nossa própria personalidade. A fraternidade põe-nos assim em condição de fortalecer nossos pontos fracos para, com os nossos pontos fortes, dirigir ou estimular a loja. Neste lugar de construção, o aluno começa o trabalho sobre si mesmo, a pedra bruta. Um trabalho que não tem fim. Quando se torna um companheiro, o aluno tem uma nova missão. Porque, trabalhando sua pedra bruta, ele torna-se capaz de integrar a pedra que se tornou cúbica em sua construção. A construção simbólica do Templo do rei Salomão. Ele realiza sua missão acompanhado de seus irmãos. É um trabalho em comum, em grupo, e trabalham no templo da humanidade. Em seguida o companheiro torna-se mestre, fica consciente de novas responsabilidades: para com ele mesmo, para com seu semelhantes e para com o todo. Em Amsterdã, no lugar de trabalho das lojas, há uma porta no lado leste do templo. Acima estão escritas estas palavras: “O fim do saber”. É lá onde cessa nosso conhecimento da vida. Podemos

filosofar a esse respeito, mas não sabemos nada. Além disso, existe uma dimensão que para nós é inalcançável. Essa porta está fechada hermeticamente. Uma vez realizado o trabalho espiritual, o franco-maçom volta para casa. Ele volta para o Ocidente, para nossa sociedade, a fim de lá trabalhar.

No caminho de volta, passando pelo guardião da porta, ele vê as palavras: “Conhece-te a ti mesmo”. Isso é então possível? Essa é uma das nossas numerosas tarefas.

Gostaria de ler o seguinte texto, tão adequado a esta reunião: “Na noite de nossa vida fica cada vez mais claro que nossas experiências foram grandes e importantes, como numa paisagem onde as linhas desenham-se mais claramente à medida que nos afastamos. Nosso julgamento torna-se mais fiável, mais exato e sobretudo mais clemente. Então abrandam-se o sentimento de tristeza que resulta da consciência de que o homem é um ser finito, e que dura até o momento em que estamos no ponto final”.

Eu disse há pouco que, no grau de mestre, as grandes relações tornam-se visíveis, e também as relações com o universo, de modo que “para o olho do iniciado de grau mais elevado, não somente a humanidade, mas toda a criação encontra-se em relação constante com uma corrente de amor descendente e ascendente. Uma corrente que liga todas as partes do universo e atrai toda a existência em um só potente movimento para a origem”.

Poderíamos dizer que, para a franco-maçonaria, essa tomada de consciência é suficiente. O que há além disso? O franco-maçom atravessa um

caminho de desenvolvimento como aluno, depois companheiro, e finalmente mestre. Por esse processo todos os elementos para viver uma experiência completa são oferecidos.

Mas esse caminho gera também muitos novos temas de trabalho. E esses novos elementos podem ser desenvolvidos à parte. Um desses elementos é o que chamamos de grau Rosa-Cruz, ou a Ordem Franco-Maçônica do Capítulo dos Graus Superiores dos Países Baixos.

Os membros da Rosa-Cruz, assim chamados para serem reconhecidos mais facilmente, são ativos nos Países Baixos desde o início do século XVIII. A organização nacional foi criada depois de um século. Os temas lá desenvolvidos são determinados fortemente pelo significado literal das palavras cruz e rosa. Durante a execução do ritual, a experiência nos leva à seguinte tomada de consciência: “Ó cruz, símbolo do maior sofrimento jamais suportado na terra, em resposta às perguntas finais, vens para nós desde os tempos antigos.

Tu nos mostra um caminho para o norte e para o sul, e ouvimos-te de leste a oeste. Queres consolar, a mim, estrangeiro errante, que, tateando, procura o Verbo. Oh, diz-me, que poder se inflama em ti? Qual é o mistério que te cerca? Em ti pressinto a força mais poderosa que jamais abraçou os corações, o amor miraculoso que jorra de ti.”

Como homens, podemos prová-lo? Como homens, somos capazes de fazer algo? E de que maneira? Entre homens que compartilham a mesma visão, é ainda possível, mas, e em breve, quando retornarmos ao mundo? Não é fácil.

É por isso que leio ainda um texto do nosso ritual: “Quando somos inspirados pelo amor, então seu fogo consagrado arde e purifica, mas cria também a nova vida. Destrói o homem antigo, desperta o novo homem, o homem que se tornou consciente do ideal: tornar-se um homem que irradia uma corrente ininterrupta de amor e força de vida. É o homem que, aonde quer que vá, traz a luz, mesmo nas trevas mais profundas”. Como homem portador de uma nova consciência, portador de Luz, temos uma tarefa, uma missão na nossa sociedade, para com o nosso próximo e para conosco. Não podemos retirar-nos, não temos o direito de retirar-nos por estarmos satisfeitos conosco mesmos ou com nosso grupo. É aí que se encontra a tarefa do homem, e no meu caso, franco-maçom; cada um à sua maneira, cada um com suas próprias possibilidades, como homem consciente na sociedade, como homem que vive neste mundo. No início perguntei: “Como chegamos lá, como falhamos de maneira tão terrível?” Conhecéis a resposta agora?

“Morri para o tumulto do mundo e repouso numa região silenciosa.” É o que acontece quando perdemos o contato com o mundo, quando percebemos a Grande Ligação, quando entendemos e compreendemos o chamado. Possa a compreensão da Grande Ligação — a aliança — jamais deixar-nos, de modo que possamos continuar a ser fiéis a nós mesmos, a ser um apoio para nosso próximo, e, orientados pelo Mestre, utilizar habilmente as ferramentas terrenas enquanto ainda é dia ✪

ex deo nascimur in Iesu morimur per spiritum



Willem E. Scherpenhuijsen Rom

SOCIEDADE ANTROPOSÓFICA NOS PAÍSES BAIXOS

Em 1912, na Alemanha, forma-se ao redor de Rudolf Steiner a Sociedade Antroposófica. No final de 1923, ele a reformula e, em 18 de novembro, torna-se seu presidente. Nos Países Baixos, a Sociedade Antroposófica é estabelecida na presença de Rudolf Steiner em 18 de novembro de 1923, em Haia, e o médico e psiquiatra Willem Zeylmans van Emmichoven é seu primeiro presidente. Ali, no mesmo ano, são criadas a primeira escola livre, a Clínica Rudolf Steiner e a empresa farmacêutica Weleda. Em 1926, surge nos Países Baixos uma das primeiras fazendas agrícolas biodinâmicas, Loverdale, em Walcheren. Em 1931, o médico psiquiatra Bernard Lievegoed cria o primeiro instituto crianças portadoras de deficiência, Zonnehuizen (Casas do Sol) em Zeist, que hoje assiste tanto às crianças quanto aos jovens e adultos. Em 1961, Lievegoed torna-se o segundo presidente da fortemente ativa Sociedade Antroposófica na Holanda. Dela surgiram o NPI, Instituto de desenvolvimento organizacional, as Casas do Sol, o Wervel, com treinamento em arte terapêutica, anos mais tarde a fundação da Universidade Livre em Driebergen, o colégio Helicon, com treinamento para professores, o Instituto Louis Bolck para Pesquisa Científica e o Banco Triodos.

“Ele percorreu o caminho, conheceu a Luz e receberá em sua alma a força de construir aquilo que deve, então, conferir-lhe a felicidade.”

Rudolf Steiner, *O portal da iniciação*

Assim fala a palavra universal que, através do portal dos sentidos, pode chegar às profundezas de minha alma:

“Sacia a profundidade de tua mente com a vastidão da sabedoria de meu mundo a fim de encontrar minha unidade em ti”.

Rudolf Steiner, 1918

sanctum reviviscimus

Este simpósio é dedicado a todos os que se esforçam para receber o conhecimento do mundo espiritual, ou suprasensorial, um mundo de grande importância para a humanidade e o mundo terrestre.

Esta é a tendência de todas as sociedades que abordaram ou ainda abordarão este tema, organizações das quais a Antroposofia faz parte. Portanto, nosso interesse comum é a aspiração ao conhecimento do mundo da supranatureza, ao qual todos nós nos voltamos, cada um à sua maneira. Em resumo, a Antroposofia é a consciência de ser um ser humano; e o essencial, desse ponto de vista, é a imagem do homem tal qual ela é transmitida pela Antroposofia.

O homem é composto de quatro partes:

1. O corpo físico.
2. O corpo vital. Este corpo dá ao homem a possibilidade de viver na terra e fazer o que quiser com seu corpo físico, ou seja o que ele acha que deve fazer.
3. O corpo de sentimentos, também denominado alma. É aqui que o homem prova o seu amor, suas emoções e suas motivações para fazer ou não isto ou aquilo.
4. A consciência ou o “eu”, ou seja, aquilo que representa nossa própria personalidade.

Por último, para que essa imagem seja bem real, é necessário considerar a origem do homem e sua evolução. O desenvolvimento da humanidade e da terra tem sua origem em Deus. A esse respeito, cito as quatro primeiras proposições do

Evangelho de João:

“No princípio era o Verbo,
E o Verbo estava com Deus,
E o Verbo era Deus.
Ele estava no princípio com Deus”.

A criação do homem foi realizada durante diferentes fases. Essas fases são, na verdade, longos períodos durante os quais o homem evoluiu passo a passo até seu estágio de desenvolvimento atual. Esse desenvolvimento ainda não está completo, pois após as quatro partes já esboçadas, três partes devem ainda ser constituídas nos próximos períodos:

- O espírito ele mesmo: trata-se do desenvolvimento ulterior do corpo dos sentimentos.
- O espírito vital: o desenvolvimento ulterior do corpo vital.
- O homem-espírito: o desenvolvimento ulterior do corpo físico.

Essa imagem também inclui a reencarnação. Segundo a Antroposofia, o homem é um ser espiritual que, de tempos em tempos, retorna à terra a fim de dar continuidade a seu desenvolvimento. Durante os períodos passados no mundo espiritual, ele vivencia como foi a qualidade de sua existência vivida na terra no período precedente e faz uma imagem do bem ou do mal que ele fez ou causou. Ao mesmo tempo, inteiramente de acordo com seu carma, ele forma uma imagem de seu próximo período de vida na terra. A perfeita evolução da humanidade será alcançada quando ela atravessar as fases do eu espiritual e do espírito vital e aperfeiçoar-se na última fase, a do homem espiritual.

O objetivo do ser humano é que ele se torne o criador, enquanto décima hierarquia, de um novo cosmo de amor e de liberdade

O objetivo do ser humano, após seu completo desenvolvimento como ser espiritual, é que ele se torne o criador, enquanto décima hierarquia, de um novo cosmo de amor e de liberdade. Para alcançá-lo, Cristo é o guia e salvador e também ocupa uma posição central na Antroposofia. A ressurreição de Cristo do reino dos mortos é o principal evento do desenvolvimento terrestre. Por meio dela Cristo mostra como o homem seguirá sua evolução na terra, e deverá um dia ressuscitar num corpo físico que não é material. A Antroposofia tem por objetivo a aplicação prática de seu ensinamento na vida. Ela não é apenas uma teoria.

O conhecimento que as coisas são estruturadas é essencial para se lidar com elas, especialmente o conhecimento de como as forças do mundo espiritual agem no mundo físico.

Nesse contexto, focalizamos nossa atenção nas diferentes ordens de seres divinos do mundo espiritual. Em primeiro lugar, encontra-se a Trindade Divina, composta por:

*Deus-Pai, que criou todas as coisas,
Cristo como filho de Deus-Pai,
E o Espírito Santo, o ser que induz Deus-Pai
e Cristo à realização.*

Abaixo dessa Trindade, existem três trípliques alianças angélicas. A terceira hierarquia, a hierarquia inferior, compreende os arcanjos e os anjos. Os anjos são os mais próximos do homem, cada pessoa possui seu anjo guardião. No campo terrestre, existem ainda seres naturais ligados aos vegetais, aos animais e aos fenômenos da natureza. Em geral, esses seres participam de modo positivo no desenvolvimento da humanidade e da Terra.

Todavia, no mundo espiritual também existem seres superiores e inferiores que tentam influenciar o desenvolvimento da humanidade de modo negativo. Na Antroposofia é dito que Lúcifer, que tenta subtrair a humanidade à evolução da terra, age exclusivamente no mundo astral, de forma que a humanidade não pode desenvolver sua liberdade ali. Por outro lado, existem seres espirituais (que a Antroposofia qualifica de “ahrimânicos”) que tentam prender o homem à terra, à matéria. Essa influência se exerce fortemente em nossa época materialista. Essas influências fazem os homens perder a liberdade de encontrar o equilíbrio entre as necessidades da vida terrestre e a busca de uma participação no mundo espiritual. Portanto, é importante que se saiba o que são os animais, os vegetais e a matéria.

A matéria, como por exemplo as pedras ou as montanhas, nada mais são na terra que corpos físicos; sua consciência se situa em outros mundos. As plantas possuem um corpo físico e um corpo vital na terra. Sua consciência se encontra menos distante de nós que a consciência da matéria terrestre. Os animais possuem um corpo físico, um corpo vital e um corpo de sentimentos, ou alma de grupo, mas não possuem alma individual. Também é importante mencionar que são os animais que provêm dos homens e não os homens dos animais, como a ciência materialista supõe. Deveríamos considerar os animais como qualidades do ser humano que se desenvolveram independentemente.

A Antroposofia é um movimento de natureza prática, esotérico e exotérico. Ela deve ser seguida e aplicada nos vários setores da vida do homem. Citarei alguns:

- Pedagogia ou educação – a pedagogia da “escola livre”, na qual não somente os métodos são diferentes, mas o ensinamento orienta-se para o desenvolvimento da personalidade da criança;
- Medicina – existem remédios antroposóficos como, por exemplo, o Iscador, utilizado no tratamento do câncer, e as terapias antroposóficas como a eurritmia e as terapias mediante atividades artísticas. Especialmente a importante atividade da pedagogia da salvação e seu ramo que enfoca a dependência.
- Artes: pintura, arte oratória, eurritmia (uma nova arte);
- Música e teatro – tudo o que tenha impulsos inovadores;

- Arquitetura – os estilos arquitetônicos como, por exemplo, o Goetheanum em Dornach, na Suíça (o prédio do Centro da União Antroposófica Internacional), o prédio da Gasunie (Companhia Nacional Holandesa de Gás Natural) em Groninga, Holanda e a sede do banco NMB, atualmente ING, em Amsterdã;
- Agricultura biodinâmica – visa regenerar a terra e restabelecer a harmonia entre terra, vegetais, animais e homem, com base nas forças cósmicas que fornecem energia vital a nossos alimentos, para que a terra não seja unicamente explorada, mas também revigorada.

Um ponto importante na Antroposofia é a concepção de que o homem, aqui na terra, vive em três planos:

- a vida espiritual manifestada na cultura, religião e ideologia;
- a vida correta, manifestada na justiça e na democracia;
- a vida econômica.

Existe liberdade da vida espiritual, igualdade na vida correta, e deveria haver fraternidade na vida econômica.

As duas primeiras categorias – liberdade da vida espiritual e igualdade na vida correta – são praticadas na Europa até certo ponto. A fraternidade na vida econômica foi apenas parcialmente conseguida. Um exemplo é a divisão do trabalho na sociedade contemporânea e a solidariedade com o próximo. Conforme já mencionei, a humanidade

Após o surgimento do cristianismo, essas escolas deixaram de existir, pois o mundo espiritual pede um maior desenvolvimento do homem individual

atravessou diferentes fases de desenvolvimento e agora deverá passar por três estágios antes de atingir seu último estágio evolutivo.

No decorrer das fases precedentes de desenvolvimento, importantes verdades foram reveladas da maneira que era possível nesse período.

Todos nós conhecemos a época egípcia, quando os faraós, como dirigentes e iniciados, recebiam essas verdades do mundo divino a fim de dirigir seu povo.

De um modo geral, também nos períodos subsequentes, todos os que deveriam estar no comando de uma tribo ou de determinada população eram iniciados nas verdades divinas das quais necessitavam para governar.

Era com esse objetivo que existiam as escolas de mistérios, onde os sacerdotes e outros iniciados, auxiliados por exercícios de concentração ou de outros métodos, concediam a seus alunos acesso ao mundo divino, até o momento em que eles adquirissem o conhecimento e compreendessem essas verdades. Pensemos, neste contexto, nas escolas de mistérios de Delfos, Elêusis, Éfeso e Samotrácia.

Após o surgimento do cristianismo, essas escolas deixaram de existir, pois o mundo espiritual pede

um maior desenvolvimento do homem individual. O cristianismo constituía uma nova base. Diferentes personagens ilustram esse aprofundamento particular: numa vida precedente, eles já haviam atingido um desenvolvimento superior. Na Europa, podemos pensar em Christian Rosenkreuz, Dante, Jacob Boehme etc.

Considerando a ascensão, após a Idade Média, tanto do individualismo como do nível intelectual, foi necessário adaptar um modo de conhecer o mundo supra-sensorial. Com relação a isso, Rudolf Steiner, fundador da Antroposofia, teve um papel muito importante. Ele era doutor em física e filosofia. Era um clarividente que, além do mais, havia desenvolvido esse poder e fornecia indicações a todos os que possuíam a capacidade de seguir a via que conduz ao mundo espiritual e de adquirir esse poder de modo independente.

Rudolf Steiner transmitiu muitas informações e preconizou exercícios e meditações para auxiliar o caminho no domínio correspondente ao carma. É essencial que a senda seja percorrida em total liberdade; sem mestre, sem guru, qualquer pessoa pode encontrar a informação necessária estudando as obras e indicações de Rudolf

Steiner, mas isso não é uma obrigação, pois cada um deve tomar suas próprias decisões em completa liberdade.

Suas máximas são:

O homem é um microcosmo ligado ao macrocosmo.

Quando no espelho da alma humana aparece toda a sociedade, e nessa sociedade vive a força de cada indivíduo, então esta é regenerada.

Tentei transmitir um resumo de certo número de elementos importantes da Antroposofia. Os livros de Rudolf Steiner e de outros escritores do mesmo movimento abordam muitos outros temas, mas pensei que deveria esboçar somente as informações principais no curto tempo que tinha hoje à disposição. Para mim, a imagem do mundo e a evolução da humanidade e da terra apresentam-se

de maneira compreensível e lógica. Uma imagem do mundo – é o que procurei pessoalmente de vinte oito a trinta anos. Procurei na igreja protestante, na Igreja Católica e em algumas organizações indianas científicas espirituais reconhecidas, mas não encontrei nenhuma imagem lógica e coerente do mundo.

Para um melhor conhecimento da Antroposofia, recorri ao pequeno livro intitulado *Anthroposophie, een kennismaking* (Conhecendo a antroposofia), do autor holandês Henk van Oort, publicado em inglês com o título de *Anthroposophy - A Concise Introduction to Rudolf Steiner's Spiritual Philosophy* [inédito em português] ♣



de quê o mundo mais precisa?



Johannes Witteveen

Cada pensamento, palavra e ação plenos de amor são uma virtude. Onde eles faltam, há pecado.

Hazrat Inayat Khan, músico e místico hindu (1882-1927), tornou o sufismo eterno conhecido ao mundo.

O MOVIMENTO SUFI INTERNACIONAL

O Movimento Sufi Internacional foi fundado em 1923 e tem sua sede nos Países Baixos. Seu objetivo é realizar e propagar o conhecimento da unidade bem como a religião do amor e da sabedoria a fim de extirpar os prejulgamentos, as crenças e convicções, preencher de amor o coração humano e dissipar o ódio causado pelas divergências e discriminações.

É necessário descobrir a luz e a força escondidas no ser humano, descobrir o segredo de cada religião, a força da mística e o fundamento da filosofia, sem intervenção dos hábitos e crenças comuns. É necessário contribuir para que os dois pólos inversos do mundo, o Leste e o Oeste, se reaproximem um do outro mediante a troca de pensamentos e ideais, a fim de que se possa formar entre eles uma comunidade de irmãos e irmãs capazes de se reencontrar além das sinistras fronteiras de nações e raças.



*“Fala-me interiormente, meu Senhor,
os ouvidos de teu servidor ouvem,
eles escutam interiormente, meu Senhor.”*

CAROS OUVINTES,*

Estamos todos aqui reunidos como buscadores da verdade que tão freqüentemente se encontra escondida de nós. Gostaria de que ouvissem esse canto sufi para introduzi-los na música sufi, pois nesse movimento a música é um instrumento importante para alcançar a experiência interior vivente. Inayat Khan, que fundou o movimento sufi no século passado, foi um grande músico indiano muito apreciado em seu país. Ele foi ao Ocidente para cumprir a tarefa que seu mestre espiritual lhe confiara: graças à harmonia de sua música e da sabedoria do sufismo, reaproximar dois mundos tão distantes um do outro: o Oriente e o Ocidente. A cultura musical de Inayat Khan levou-o a penetrar o mundo sufi. Seus irmãos também eram cantores místicos. Ora, no mundo sufi a música persiste sempre como modo de abrir os corações. Esse canto foi composto por minha mulher, as palavras são de Inayat Khan. A simples composição musical inspira muito esse tema: “abrir os corações” é, penso eu, o tema essencial deste dia em que nos ligamos a esse centro que é o coração do mundo, que chama cada um de nós. O sufismo é um movimento muito antigo.

*** A alocução do Professor H. J. Witteveen principiou com uma canção do mundo sufi: “Abre nosso coração para ouvirmos tua voz...”**

Podemos encontrar a fonte dessa abordagem mística na sabedoria hermética, e é essa sabedoria que nos reúne hoje.

De diversos modos, em diferentes momentos na história do mundo, os teósofos, antropósofos, franco-maçons e rosa-cruzes começaram seu trabalho interior e exterior, e assim fazendo chegaram à antiga e essencial sabedoria de Hermes.

O sufismo é também um mundo extraordinariamente rico, e apenas posso, evidentemente, mostrar hoje algumas idéias principais.

O coração é nossa experiência fundamental, pois assim que nos interessamos por este mundo materialista, racionalista, lacerado, freqüentemente perdemos o coração, pois neste mundo ocorrem conflitos, desacordos, lutas e sofrimentos. Neste ocidental cada vez mais voltado para o bem-estar material e o lucro, parece que quanto mais alto o nível menos os homens são felizes.

E agora vemo-nos prisioneiros de uma crise financeira, conseqüência de esforços excessivos voltados ao lucro.

Nossos sistemas financeiros estão ameaçados, e o mercado desmorona arrastando a economia em sua queda.

Em si, não é nada de novo, apenas uma parte dos movimentos que ocorrem ao longo dos séculos, mas essa queda é particularmente séria e nos leva a refletir.

Que os processos da vida econômica devam mudar é incontestável. Esta crise é também a ocasião de examinar de perto os grandes problemas que pedem nosso rápido crescimento material e os meios de gerá-los. Trata-se de uma

nosso ser verdadeiro é apenas uma centelha, uma pequena *porção indivisa* do um e único Espírito que penetra a criação inteira e é onipresente

sociedade racionalista em que sempre colocamos nossa razão a trabalhar; e esta, como a ciência e a técnica, desenvolveu-se de modo inimaginável em curto espaço de tempo, de modo que parece ser possível ver através da criação. Ou seja, todas essas técnicas e máquinas fazem crer que a vida será mais fácil. Mas a razão que nos fez conseguir tantas coisas não pode apenas resolver o problema do laceramento deste mundo. E o descontentamento existente não se resolverá se continuarmos a nos interessar pelo lado material das coisas.

É por isso que, em nossa sociedade que nos oferece tanto, vemos crescer sempre um grande mal-estar. Conseqüentemente perguntamos: não deveria haver algo mais na vida? Um mal-estar traduz-se por um sentimento, um desejo que algo de superior, um ideal se realize. E esse desejo nos reúne aqui, agrupa nossas diferentes organizações, um desejo que queremos também sustentar neste mundo de modo universal, nas diferentes ligações que criamos.

De que se trata? Como podemos elevar nossa existência material a um mundo celeste? Devemos partir em busca de nós mesmos? Essa sempre foi a divisa da franco-maçonaria, o antigo axioma dos gregos: Conhece-te a ti mesmo. Quando olhamos para nós mesmos vemos evidentemente tudo que somos, tudo que sabemos: vemos este corpo extraordinário com o qual podemos viver e fazer tantas coisas, vemos o mundo de nossos pensamentos e sentimentos que incessantemente nos ocupam. E ao mesmo tempo vemos nossas ligações com este mundo em constante mutação. E sempre nos vêm à consciência

novos pensamentos, novas impressões, e vivemos sempre novas coisas, e sentimentos novos surgem e crescem. E isso tudo forma um mundo em nosso coração e em nosso intelecto. Mas é um mundo que muda constantemente, e buscamos algo durável, eterno. Onde encontrar?

Encontramos quando aprendemos a sondar nossa consciência, essa consciência em que todas as imagens se refletem como num espelho.

E isso permanece enquanto nossa atenção para aí se volta, surgindo nesse espelho, algo absolutamente diferente de todo o resto. Mas essa consciência o que é? Aí reside o mistério.

Essa consciência, como a consideram os sufis, é descrita por Inayat Khan de modo extraordinariamente profundo: nossa consciência é a realidade. Uma pequena parte da consciência onipresente – a parte indivisa, diz ele – penetra toda a criação. Outra pequena parte dela se reflete no ser humano com suas qualidades, de tal modo que ela se sente um ser solitário com seus próprios pensamentos e sentimentos, embora seja uma parte indivisa da inteira consciência da criação. É um único raio da consciência única, uma única centelha do um e único Espírito que penetra toda a criação, que está em tudo, e que é nosso verdadeiro ser. Trata-se de terminar por conhecer, em nossa vida, esse ser verdadeiro, de tornar-nos conscientes a fim de alcançar a consciência de Deus.

Lá existe um mundo totalmente diferente, e trata-se de entrar em contato com ele. Para isso, devemos desviar nossa atenção do mundo exterior, com todas as suas concepções e impressões

A sétima flama é para os que ouviram falar da Luz nas trevas da ignorância humana

decorrentes, para voltá-la para nosso mundo interior, em silêncio – conforme já dissemos hoje – e um silêncio verdadeiro, em grande receptividade, como um vaso vazio.

De fato, se esse vaso de nossa consciência estiver vazio, ele pode ser repleto dessa presença divina indizível, que é luz, vida e amor. Então nos tornamos conscientes do que somos. E isso irradia de nós.

Uma vez que nossa tarefa é agir nessa criação, criar algo, é bom que compreendamos que essa criação apenas terá verdadeiramente sentido e valor se provier dessa luz interior. Esse voltar-se para si mesmo é o caminho dos místicos de todas as religiões.

Eles tentam exprimir algo do que vivem, mas é extraordinariamente difícil, pois essa vida divina ultrapassa todos os pensamentos e palavras. Todos podem buscá-la, dar sugestões, evocá-la, mas sua realidade é de outra dimensão. Por isso esses místicos iniciados falaram de diversas maneiras e sob a forma de poemas. Lemos sempre poetas sufis como Rumi, Hafiz, Sali, porque eles evocam, de modo simbólico, o amor divino. Esse é um aspecto crucial. Se alguma vez recebermos um clarão desse mundo divino, é importante para nós que nos voltemos com imenso amor a esse divino misterioso. É um grande mistério; devemos simplesmente crer nele?

Todos os espíritos esclarecidos falaram dessa

realidade; e hoje, a física também aborda esse tema. Porque ele nos mostra que, em toda a criação, em cada átomo, há um vazio quântico que nos faz pensar a princípio que “não há nada, está vazio, não percebemos coisa alguma”. Entretanto, descobrimos que esse referido vazio é pleno de energia; que há uma energia criadora que faz essas ínfimas partículas atômicas, que desaparecem na não-existência e reaparecem a cada instante e novamente desaparecem, é uma energia dotada de um eterno retorno à vida.

Ouvir o silêncio interior, essa voz, é possível se o desejo estiver desperto. Mas não é fácil, pois todo tipo de pensamentos e sentimentos sempre nos perturbam. Entretanto, aprendemos pouco a pouco a nos acalmar. Nas tradições místicas são feitos exercícios de concentração e de respiração para acalmar esses pensamentos e sentimentos em movimento constante, a fim de que nos tornemos receptivos. Dessa forma, podemos obter momentos de inspiração. Para aprofundá-los, devemos nos libertar de nossa identificação com nosso ser interior, nossa personalidade, e da memória da qual nos estruturamos e à qual nos identificamos a maior parte do tempo. Pensamos: “Somos assim”, e terminamos por perceber que não é nosso ser verdadeiro, mas apenas o que vivemos, o que nós mesmos estruturamos.

O ser verdadeiro é descoberto no silêncio interior. Trata-se de um processo de descoberta e de desenvolvimento de si mesmo; é necessário vencer sempre a nossa identificação com nosso ego.

O movimento sufi é uma escola interior que prepara todos os que desejam percorrer esse caminho. É muito importante que ele defenda essa unidade de pensamento que aparece em toda a história da humanidade: possibilitar compreender novamente em nossa época a voz divina única de que falam todas as religiões. Para isso, celebramos um culto universal. O sufismo vem do Islã, e Inayat Khan deu-lhe um caráter universal. No decorrer desse culto universal acendemos para cada uma das seis grandes religiões uma vela inflamada pela luz divina. Essa luz aparece em todas essas velas. E lemos, no Livro Sagrado de todas essas religiões, uma passagem sobre certo tema em sua própria língua, a fim de fazer ouvir a voz divina única.

E há uma sétima vela para todos os que, conhecidos ou desconhecidos, ouviram falar da verdade nas trevas da ignorância humana. É uma forma de juntar todos os que buscam a verdade, pouco importa como eles a designam. Uma corrente plena de inspiração é vertida.

De quê o mundo mais precisa senão de poder, por meio de nossa técnica, fazer todas as religiões entrar em contato umas com as outras, quando elas se compreendem tão pouco e mesmo se combatem?

Gostaria de finalizar transmitindo esta invocação:

*Ó tu, que és a perfeição do amor,
harmonia e beleza, senhor do céu
e da terra, abre nosso coração
para que ouçamos tua voz,
para que ela chegue incessantemente
ao nosso interior.*

*Abre-nos à tua luz divina
escondida em nossa alma,
a fim de que melhor compreendamos a vida,
e saibamos melhor viver.*

*Deus de toda graça e compaixão,
dá-nos tua grande bondade,
ensina-nos a perdoar como tu,
com amor; ergue-nos acima
de todas as diferenças e discriminações
que os homens fazem entre si,
envia-nos a paz de teu espírito divino
e une-nos todos
na perfeição de teu ser.*

Amém.

Hazrat Inayat Khan ❁

positio fraternitatis rosae crucis



Klaas-Jan Bakker

ANTIGA E MÍSTICA ORDEM ROSAE CRUCIS

Deus de todos os homens, Deus de toda vida, na humanidade com que sonhamos: [...] a espiritualidade é um ideal e um modo de vida que têm sua fonte numa religião universal, baseada mais no conhecimento das leis divinas do que na crença em Deus [...] e as relações humanas são fundadas no amor, na amizade e na fraternidade, de modo que o mundo inteiro vive em paz e harmonia. Com respeito às relações do ser humano com o universo, consideramos que elas se baseiam na interdependência. Sendo o ser humano um filho da terra e a terra uma filha do universo, o ser humano é então um filho do universo. Assim é que os átomos que compõem o corpo humano provêm da natureza e são encontrados nos confins do cosmo, o que leva os astrofísicos a dizer que “O ser humano é um filho das estrelas”. Mas, se o ser humano está em débito com o universo, este também deve muito a ele; não a sua existência, é claro, mas sua razão de existir. Com efeito, que seria o universo se os olhos do ser humano não o pudessem contemplar, se sua consciência não o pudesse apreender, se sua alma não pudesse nele se refletir? Na realidade, o universo e o ser humano precisam um do outro para se conhecerem e mesmo se reconhecerem, o que não deixa de lembrar o célebre adágio: “Conhece a ti mesmo e conhecerás o universo e os deuses”.

Positio FRC, 2001

Em 1909 o empresário e filósofo americano H. Spencer Lewis foi à França, onde foi iniciado a fim de se tornar membro da Ordem da Rosa-Cruz. Responsável por dar um novo impulso às atividades da Rosa-Cruz na América do Norte, ele fundou em 1915 a Ordem da Rosacruz AMORC. Em 1927, mudou a sede para São José, na Califórnia, onde hoje se encontra o Parque Rosa-Cruz. Ao iniciar sua participação na Ordem, homens e mulheres desempenham o mesmo papel, sem levar em conta religião, raça ou partido político.

No decorrer dos séculos, as idéias dos rosacruzes não mudaram. Ao início do século 21, parece plausível que os ensinamentos místicos possam desempenhar um papel crescente na evolução da humanidade. Após os rápidos e grandes progressos técnicos, o ser humano busca uma fonte confiável de força e equilíbrio interiores. Mais que nunca precisamos de compreensão, iluminação mística, direção espiritual, harmonia e paz. A Ordem da Rosacruz AMORC possui um sistema único de ensinamento e de ideais humanitários plenamente admissíveis, que formam mesmo balizas de luz para todos os que seguem o caminho interior que leva à sabedoria.

Em 1623, os rosa-cruzes afixaram nos muros de Paris cartazes ao mesmo tempo misteriosos e intrigantes. Eis o seu texto: “Nós, deputados do Colégio principal da Rosa+Cruz, demoramo-nos visível e invisivelmente nesta cidade pela graça do Altíssimo, para o qual se volta o coração dos justos. Mostramos e ensinamos a falar sem livros nem sinais, a falar todas as espécies de línguas dos países em que desejamos estar para tirar os homens, nossos semelhantes, de erro de morte. Se alguém quiser nos ver somente por curiosidade, jamais se comunicará conosco, mas, se a vontade o levar realmente a se inscrever no registro de nossa Confraternidade, nós, que julgamos pensamentos, faremos com que ele veja a verdade de nossas promessas; tanto é assim que não estabelecemos o local de nossa morada nesta cidade, visto que os pensamentos unidos à real vontade do leitor serão capazes de nos fazer conhecê-lo, e ele a nós.”

Alguns anos antes, os rosa-cruzes já se haviam dado a conhecer publicando três manifestos deste então célebres: *Fama Fraternitatis*, *Confessio Fraternitatis* e *Chymische Hochzeit Christian Rozenkreutz* (O chamado da Fraternidade, O testemunho da Fraternidade e *As núpcias químicas de Christian Rozenkreutz*), em 1614, 1615 e 1616. Na época, esses três manifestos provocaram muitas reações não apenas da parte dos círculos intelectuais, mas também das autoridades políticas e religiosas. De qualquer forma, seu aparecimento constituiu um evento histórico muito importante, especialmente no mundo do esoterismo.

A *Fama Fraternitatis* foi dirigida às autoridades políticas e religiosas, bem como aos cientistas da época. Ao mesmo tempo em que fazia um balanço talvez negativo da situação geral na Europa, revelou a existência da Ordem da Rosa+Cruz através da história alegórica de Christian Rosenkreutz (1378-1484), desde o périplo que o levava pelo mundo inteiro antes de dar vida à Fraternidade Rosa-Cruz, até a descoberta de seu túmulo. Esse manifesto já fazia apelo a uma *reforma universal*.

A *Confessio Fraternitatis* completou o primeiro manifesto, por um lado insistindo na necessidade de o ser humano e a sociedade se regenerarem e, por outro lado, indicando que a Fraternidade dos Rosa-cruzes possuía uma ciência filosófica que permitia realizar essa regeneração. Nisso ela se dirigia antes de tudo aos buscadores desejosos de participar nos trabalhos da Ordem e promover a felicidade da humanidade. Por fim, *As núpcias químicas de Christian Rosenkreutz*, num estilo bastante diferente dos dois primeiros manifestos, relata uma viagem iniciática que representa a busca da iluminação. Essa viagem de sete dias se desenrola em grande parte num misterioso castelo onde deviam ser celebradas as núpcias de um rei e de uma rainha. Em termos simbólicos, *As núpcias químicas* descreve a jornada espiritual que leva todo iniciado a realizar a união entre sua alma (a esposa) e Deus (o esposo).

Como sublinharam historiadores, pensadores e filósofos contemporâneos, a publicação desses três manifestos não foi nem insignificante nem



a evolução do homem não se limita aos aspectos materiais de sua vida; estamos convencidos de que ele possui uma dimensão espiritual

inoportuna. Ocorreu numa época em que a Europa atravessava uma crise existencial muito importante: estava dividida no plano político e se dilacerava em conflitos de interesses econômicos; as guerras de religiões semeavam desgraça e desolação, mesmo no seio das famílias; a ciência tomava impulso e já assumia uma orientação materialista; as condições de vida eram miseráveis para a maioria das pessoas; a sociedade da época estava em plena mutação, mas faltavam-lhe referências para evoluir no sentido do interesse geral.

A História se repete e põe regularmente em cena os mesmos eventos, mas numa escala geralmente mais vasta. Assim, perto de quatro séculos após a publicação dos três primeiros manifestos, constatamos que o mundo inteiro, mais estritamente a Europa, enfrenta uma crise existencial sem precedentes.

Essa crise não afeta apenas a economia e o crédito, a consequência não é apenas a recessão; ela atinge todos os campos de atividade, portanto a política, a ciência, a tecnologia, a religião e a moral. Sobretudo nosso planeta, ou seja, nosso meio ambiente. O panorama de nossa evolução está seriamente ameaçado.

Seguramente, a humanidade atual não está bem. Por isso, fiéis à nossa tradição e ao nosso ideal, nós, rosa-cruzes dos tempos atuais, julgamos que seria útil darmos testemunho disso através da *Positio Fraternitatis Rosae Crucis*.

Esse manifesto que surgiu em 2001, ano rosacruciano de 3354, começa com o seguinte prefácio:

Salutem Punctus Trianguli!

Neste primeiro ano do terceiro milênio, sob o olhar do Deus de todos os homens e de toda a vida, nós, deputados do Conselho Supremo da Fraternidade Rosa-Cruz, julgamos que era chegada a hora de acender a quarta chama R+C, a fim de revelar nossa posição quanto à situação atual da humanidade e trazer à luz as ameaças que pesam sobre ela, mas também as esperanças que nela depositamos.

Ad Rosam per Crucem

Ad Crucem per Rosam

Este manifesto tem em vista apresentar nossa posição quanto à situação atual do mundo e colocar em evidência o que, a olho nu, nos parece alarmante para o amanhã. Como já fizeram nossos irmãos do passado, fazemos um apelo por mais humanidade e espiritualidade. Estamos convencidos de que, no individualismo e no materialismo que dominam nossa sociedade atual, o ser humano não será capaz de encontrar a felicidade.

A humanidade atual está ao mesmo tempo perturbada e desamparada. Os imensos progressos que ela realizou no plano material não lhe trouxeram verdadeiramente felicidade e não lhe permitem entrever o futuro com serenidade: guerras, fome, epidemias, catástrofes ecológicas, crises sociais, atentados contra as liberdades fundamentais, são outros tantos flagelos que contradizem a esperança que o ser humano depositara em seu futuro. Por isso dirigimos

A evolução espiritual do ser humano é o objetivo, a espiritualidade é o meio de alcançá-la e o tempo é o fator revelador

esta mensagem a quem a queira de bom grado ouvir. Ela segue a linha daquela que os rosacruzados do século XVII exprimiram através dos três primeiros manifestos.

O ser humano evolui através do tempo, como o faz, aliás, tudo aquilo que participa no seu campo de vida, bem como o próprio universo. Aí está uma característica de tudo o que existe no mundo manifesto. Mas consideramos que a evolução do ser humano não se limita aos aspectos materiais de sua existência, convictos que estamos de que ele tem uma alma, ou seja, uma dimensão espiritual.

Conforme pensamos, é ela que dele faz um ser consciente, capaz de refletir sobre a sua origem e o seu destino. Por isso consideramos a evolução da humanidade como um fim, a espiritualidade como um meio e o tempo como um revelador.

Como dissemos no Prólogo, vemos uma similitude entre a situação atual do mundo e a da Europa no século XVII. Aquilo que alguns já qualificam como pós-modernidade, acarretou efeitos comparáveis em numerosos campos e, infelizmente, provocou certa degenerescência da humanidade.

Mas pensamos que essa degenerescência é apenas temporária e que acabará numa regeneração

individual e coletiva, na condição, não obstante, de que os homens dêem uma direção humanista e espiritualista ao seu futuro. Se não o fizerem, estarão de fato se expondo a problemas muito mais graves do que aqueles que estão enfrentando atualmente.

Com base na nossa ontologia, consideramos que o ser humano é a criatura mais evoluída dentre as que vivem na Terra, mesmo se às vezes se comporta de maneira indigna no tocante a esse status. Ele ocupa essa situação privilegiada porque é dotado de autoconsciência e de livre-arbítrio. É então capaz de pensar e orientar sua existência por suas próprias escolhas. Acreditamos também que todo ser humano é uma célula elementar de um único e o mesmo corpo, o corpo da humanidade inteira. Em virtude deste princípio, nossa concepção do humanismo consiste em afirmar que todos os homens deveriam ter os mesmos direitos, gozar do mesmo respeito e desfrutar a mesma liberdade, independentemente do país onde nascessem e daquele onde vivessem.

Quanto à nossa concepção da espiritualidade, está fundada, por um lado, na convicção de que Deus existe como inteligência absoluta que criou o universo e tudo o que ele contém e, por outro lado, na certeza de que o ser humano

tem uma alma que Dele emana. Melhor ainda, consideramos que Deus se manifesta em toda a criação através das leis que o ser humano deve estudar, compreender e respeitar, para sua maior felicidade. De fato, cremos que a humanidade evoluiu de acordo com concepções do plano divino e que ela está destinada a criar na terra uma sociedade ideal.

Esse humanismo espiritualista pode sem dúvida parecer utópico, mas nos referimos nesse sentido a Platão, que declara em *A República*: “A utopia é a forma de estado ideal. Talvez seja impossível de realizar na Terra, mas é nela que um sábio deve depositar todas as suas esperanças”. Neste período de transição na história, a regeneração da humanidade nos parece mais que nunca possível em virtude da convergência das consciências, da generalização das trocas internacionais, da expansão da mestiçagem cultural, da universalização da informação bem como da interdisciplinaridade que existe desde já entre os diferentes ramos do saber.

Mas consideramos que essa regeneração, que deve funcionar tanto no plano individual quanto no coletivo, só se pode fazer privilegiando-se o ecletismo e seu corolário, a tolerância. Com efeito, nenhuma instituição política, nenhuma religião, nenhuma filosofia, nenhuma ciência detém o monopólio da verdade. Isto posto, podemos nos aproximar dessa regeneração colocando em comum o que essas instituições têm de mais nobre a oferecer aos seres humanos, o que redonda em buscar a unidade através da diversidade.

Também o diálogo com outros deve ser encorajado, e nossa Fraternidade prega o direito de formar livremente uma crença e também de exprimi-la livremente.

Cedo ou tarde, as vicissitudes da existência levam o ser humano a se interrogar quanto à razão de sua presença na Terra. Essa busca de uma justificativa é natural, pois é parte integrante da alma humana e constitui o fundamento de sua evolução. Por outro lado, os eventos que balizam a História não se justificam somente pelo fato de que existem; eles postulam uma razão que lhes é exterior. Pensamos que essa própria razão se integra a um processo espiritual que incita o ser humano a se questionar quanto aos mistérios da vida, donde o interesse que ele algum dia atribui ao misticismo e à “busca da verdade”. Se essa busca é natural, acrescentamos que o ser humano é impelido à esperança e ao otimismo por uma injunção de sua natureza divina e por um instinto biológico de sobrevivência. Nisso, a aspiração à transcendência aparece como uma exigência vital da espécie humana. Agora é tempo para que a humanidade se engaje em novos caminhos. Pouco importam as idéias políticas, as crenças religiosas, as convicções filosóficas de cada um. Os tempos não estão mais para divisão, qualquer que seja sua forma, mas para a união; para a união das diferenças, a serviço do bem comum.

As relações humanas fazem parte dos temas aos quais a *Positio Fraternitatis Rosae Crucis* dá particular atenção. Em seguida, em diversas subseções, são discutidos temas como ciência, arte,

a economia só cumprirá seu papel quando considerar o dinheiro uma energia destinada a proporcionar ao ser humano aquilo de que ele precisa para viver feliz no plano material, a fim de que ele possa elevar sua alma, com toda quietude, a planos superiores de consciência.

tecnologia, moral e religião. O tempo disponível infelizmente me impede de me estender sobre esses assuntos. Mas, dada sua atualidade, permito-me falar brevemente de nossas opiniões sobre a economia.

Pensamos que a economia deve tomar novos caminhos. Mais que nunca, a economia funciona com base em valores quantitativos, como o custo da produção, a rentabilidade e a atração do ganho. Na verdade, são objetivos fundamentados no lucro e no enriquecimento extremo de alguns. O homem foi colocado a serviço da economia, embora a economia devesse estar a serviço do homem.

Evidentemente, a economia só cumprirá seu papel quando for colocada a serviço de todos os seres humanos. Isto supõe que se venha a considerar o dinheiro pelo que ele deve ser, a saber, um meio de troca e uma energia destinada a proporcionar a cada um aquilo de que ele precisa para viver feliz no plano material.

Nisso estamos convictos de que o ser humano não está destinado a ser pobre e menos ainda miserável, mas, ao contrário, a dispor de tudo o que possa contribuir para o seu bem-estar, a fim

de que possa elevar sua alma, com toda quietude, a planos superiores de consciência. A rigor, a economia deveria ser empregada de tal maneira que não houvesse mais pobres e que toda pessoa vivesse em boas condições materiais, pois isso é a base da dignidade humana. A pobreza não é uma fatalidade; não é tampouco o efeito de um decreto divino. De maneira geral, resulta do egoísmo dos homens. Esperamos então que chegue o dia em que a economia esteja fundamentada na partilha e na consideração do bem comum. A mensagem da *Positio* termina com uma invocação que podemos qualificar de “Utopia rosa-cruz” no sentido que Platão dá a esse termo.

Apelamos à boa vontade de todos e de cada um, para que essa Utopia se torne um dia realidade, para o maior bem da humanidade. Talvez esse dia nunca chegue, mas, se todos os seres humanos se esforçarem para acreditar nisso e agir em conformidade com isso, o mundo só poderá ser melhor... ✪

UTOPIA ROSA-CRUZ

Deus de todos os homens, Deus de toda vida,
na humanidade com que sonhamos;
os políticos são profundamente humanistas e trabalham a serviço do bem comum;
os economistas gerem as finanças dos estados com discernimento e no interesse de todos;
os sábios são espiritualistas e buscam sua inspiração no Livro da Natureza;
os artistas são inspirados e expressam em suas obras a beleza e a pureza do plano divino;
os médicos são motivados pelo amor ao próximo e cuidam tanto das almas quanto dos corpos;
não há mais miséria nem pobreza, pois cada qual tem aquilo de que precisa para viver feliz;
o trabalho não é mais vivenciado como uma coerção,

mas como uma fonte do desabrochar e de bem-estar;
a natureza é considerada como o mais belo dos templos e os animais como nossos irmãos em via de evolução;
há um governo mundial, formado pelos dirigentes de todas as nações, trabalhando no interesse de toda a humanidade;
a espiritualidade é um ideal e um modo de vida que têm sua fonte numa religião universal, baseada mais no conhecimento das leis divinas do que na crença em Deus;
as relações humanas são fundadas no amor, na amizade e na fraternidade, de modo que o mundo inteiro vive em paz e harmonia.
Assim seja!



possam as rosas florescer em tua cruz



Ger Westenberg

Lembremo-nos de que não devemos procurar o conhecimento simplesmente pelo conhecimento, mas apenas como um meio para viver uma vida melhor e mais pura, pois apenas isso o justifica.

Max Heindel, *Ensinamentos de um iniciado.*

FRATERNIDADE ROSACRUZ

Em 1911, o dinamarquês Max Heindel estabelece, em Oceanside, na Califórnia, a sede da Rosa-Cruz para transmitir outra vez ao mundo seu ensinamento. Pelo fato de os Irmãos Maiores enaltecerem a grande liberdade do homem, não se trata aqui de uma organização estrita que compreenda regras e prescrições – contudo, é possível tornar-se membro.

Em diversos países, os membros agrupam-se em núcleos, onde oferecem o ensinamento na língua do país sob a forma de cursos e livros. Essa Rosa-Cruz é uma organização que propaga seu ensinamento de maneira gratuita e pode-se aí receber muitas outras informações. Essa confraria considera-se a escola preparatória dos Mistérios da Rosa-Cruz para o Ocidente. O ensinamento possui, portanto, como fundamento a religião ocidental, o cristianismo. Seu objetivo é tornar o cristianismo mais científico e a ciência mais religiosa.

O importante é desenvolver “o corpo da alma”. Nesse corpo, devemos poder, em especial, reencontrar Cristo em nós.

Chegamos a isso pelo serviço ao próximo de maneira desinteressada. De quem quer progredir é esperado que se torne vegetariano e não utilize nenhum entorpecente, nem álcool e nem fumo.



A ciência pensa que a terra tem cerca de cinco bilhões de anos. Um número que mal se pode representar. Mas pensamos que, nesse remoto passado, o homem como espírito virgem, espírito original, separou-se do seu criador. Tínhamos então uma consciência divina, mas não a consciência de nós mesmos. E para adquiri-la era necessário descer o maior tempo e o mais profundamente possível na matéria terrestre em concentração. A consequência foi que perdemos progressivamente nossa consciência divina, o sentimento da unidade do todo, e a compreensão que éramos seres divinos. Sim, hoje estamos tão afastados da nossa fonte que pensamos que nossa existência na terra, num corpo material, é a nossa vida verdadeira. Logo que começamos a nossa viagem, nesse remoto passado, representamos apenas uma onda, uma “onda de vida humana”. Houve “ondas de vida” precedentes, como as dos anjos e dos arcanjos. Depois de nós, houve outras, como as dos animais, dos vegetais e dos minerais. E fomos também um dia os minerais, os vegetais e os animais antes de tornar-nos seres humanos. Estamos apenas na metade de nosso crescimento, porque devemos tornar-nos angelicais e em seguida arcangélicos, para finalmente possuir consciência de nós mesmos e unir-nos outra vez a Deus. Então seremos divinos. Mas isso está ainda num futuro distante. A par de nosso corpo de matéria grosseira, temos um corpo sutil chamado corpo vital ou corpo etérico. Em Coríntios 15:14-50, Paulo diz que temos um corpo natural e um corpo espiritual, em grego

“soma psychicon”, o corpo da alma. O Novo Testamento declara, portanto, que temos um corpo material e um corpo da alma. E mais adiante Paulo diz que o primeiro homem é da terra, da matéria, e que o segundo é do céu; e no versículo 50, que a carne e o sangue não herdarão o reino de Deus. Isso significa que devemos aprender a viver no corpo-alma. Para compreendê-lo é necessário primeiro considerar resumidamente a constituição do homem.

A Rosa-Cruz ensina que o homem é um ser composto. É um espírito triplo, ou seja: um espírito divino, um espírito de vida e um espírito humano – ou um ego de posse de um corpo triplo. O primeiro é um corpo de matéria, constituído de matérias sólidas, fluídas e gasosas do mundo material. É o instrumento visível do qual o espírito tem necessidade para deslocar-se e exprimir-se neste mundo.

O segundo é o corpo vital, composto de éter que penetra o corpo material visível. Esse corpo vital, ou etérico, que excede cerca de quatro centímetros o corpo material, recebe a energia solar que confere a vida graças ao baço; ele exerce as funções de assimilação, crescimento e reprodução.

O terceiro é o corpo de desejos que forma nossa natureza afetiva. Ele impregna tanto nosso corpo material como nosso corpo vital. Possui forma oval e excede em cerca de quarenta centímetros nosso corpo material. O corpo de desejos possui um centro de percepção que, por um justo desenvolvimento, constitui o meio

Os Irmãos Maiores esperam que nós, assim como eles, galguemos o caminho que leva à vida da alma superior

pelo qual os seres humanos percebem o mundo dos desejos. Os seres humanos possuem igualmente um poder mental, um espelho que reflete o mundo espiritual e que coloca o Espírito em condição de transformar seus comandos em pensamentos e palavras. É o elo entre o Espírito e os três corpos citados acima.

E há ainda uma nuvem em formação, mas que, por fim, será tão bem equipada quanto os outros corpos.

O ego ou “eu” é o espírito tríplice que utiliza esses veículos, ou corpos, para fazer experiências na escola da vida e que se transforma em força da alma.

A terra não é uma massa de matéria morta que se desloca no espaço por acaso. É o corpo visível de um ser elevado, que Platão chama “a Alma do Mundo” e os rosa-cruzes “o espírito da terra” ou Cristo.

Nós descemos ao vale da matéria; quanto a Cristo, ele deveria vir à terra para ajudar-nos interiormente.

Enquanto estiver ligado à terra, sofrerá por nós à espera do dia de sua libertação, dia em que já não teremos necessidade da atmosfera densa de hoje. Acelerar ou retardar esse dia depende de nós.

Todos os anos, no Natal, Cristo renasce na terra, e na Páscoa, quando o sol passa pelo equinócio, ele volta ao céu, sua morada.

A fim de poder encontrar Cristo em seu regresso ao céu, devemos desenvolver o corpo da alma.

Esse corpo, com o qual é possível viver nos mundos espirituais, é constituído dos dois éteres superiores do corpo vital, e que se desenvolvem, é dito no Novo Testamento, “pela imitação de Cristo”, portanto quando agimos diariamente de acordo com o seu exemplo.

Em suma, trata-se de desenvolver o amor ao

próximo e ajudar cada um que encontramos no caminho da vida. Vemos um símbolo disso no signo de Aquário e no signo oposto, o de Leão. O tipo Leão é centrado em si mesmo, o tipo Aquário centrado nos outros.

O Leão coloca-se voluntariamente em primeiro plano, o Aquário, em último plano. Poderíamos citar ainda mais oposições. Se Cristo diz que deve nascer em nosso coração – o coração que do ponto de vista corporal cai sob o signo de Leão – significa que esses dois signos opostos devem formar uma unidade.

Quando Cristo veio, o sol atravessara o signo de Áries com seu oposto, o signo de Libra, e retrogradou ao signo de Peixes, cujo oposto é o signo de Virgem.

Cristo diz também que é o Cordeiro do sacrifício, e que a sua lei, simbolizada pela Balança, não está fora de nós, mas deve realizar-se em nós.

Cristo iniciou a era de Peixes com o milagre de dois peixes, e o símbolo da Virgem que tem sete espigas na mão. Trata-se do milagre dos dois peixes e dos sete pães que alimentaram uma grande multidão. E Jesus nasceu de uma virgem, em Belém, que quer dizer “casa do pão”.

Vemos ressurgir esse simbolismo com o aparecimento da igreja cristã. Os bispos levavam sobre a cabeça – e ainda levam – a mitra na forma de peixe, e uma vara de pastor na mão.

Daí vemos a passagem do signo de Áries para o de Peixes. Na sexta-feira, come-se peixe. A décima segunda casa é a de Peixes, e significa retirar-se do mundo. Os espiritualistas retiraram-se para os claustros e devem viver castamente como virgens. Comem peixe na sexta-feira e, se vão à igreja, passam diante da pia que contém a água benta que – como uma água magnetizada – levam à frente, à raiz do nariz, sede do

espírito humano. Assim mostram sua submissão à Igreja.

A consciência de si é o Leão, que percorre seu próprio caminho sem que ninguém pense ou diga o que deve ou não fazer. Por isso a Igreja, na sua forma atual, já não funciona como antes. A humanidade sente inconscientemente a aproximação da era de Aquário e quer viver a fé cristã de outra maneira. O homem, nos próximos dois mil anos, ou seja, durante a era de Aquário – um signo conhecido como intelectual – quer confessar seu cristianismo com toda sua inteligência, e aplicá-lo de modo prático sob a forma de serviço desinteressado e amor ao próximo, sem “olhar a quem”.

Pode-se considerar o caminho que leva a Cristo como uma elevação. Nossa involução está atrás de nós e nossa evolução diante de nós. Devemos dar-nos conta de que os valores materiais são muito relativos, e a crise financeira que o mundo sofre agora nos mostra isso claramente.

O homem comum segue esse caminho ascendente que se pode considerar simbolicamente como se subíssemos a passos lentos ao topo de uma montanha. Mas é possível também tomar um atalho pela iniciação, um caminho difícil representado simbolicamente pelo caduceu de Mercúrio. As duas serpentes ilustram o caminho tortuoso da involução e da evolução, enquanto o bastão reto simboliza a via iniciática.

A Rosa-Cruz de Max Heindel é a escola preparatória da Ordem da Rosa-Cruz que pertence aos Mistérios Menores.

Há na terra sete escolas da Ordem dos Mistérios Menores e cinco dos Mistérios Maiores. Todas as que têm o grau dos Mistérios Menores podem em seguida aceder à Ordem dos Mistérios Maiores. Como já foi dito, a Rosa-Cruz é uma das sete Ordens dos Mistérios Menores. Ela está particularmente adaptada para os ocidentais.

As seis outras são para os povos do Sul e do Oriente.

A Rosa-Cruz de Max Heindel, em seus escritos, responde às pessoas que se questionam como se apresenta esse cristianismo renovado, e mostra aos que a ele aspiram como seguir o caminho da iniciação.

Há a escola preparatória da Ordem da Rosa-Cruz onde, após as primeiras nove iniciações, o candidato pode continuar a progredir. É necessário ter desenvolvido o corpo-alma, porque apenas com ele é possível elevar-se aos mundos espirituais.

A “veste áurea nupcial” é pois uma necessidade se “queremos encontrar Cristo nas nuvens” de acordo com a expressão de Paulo. No caminho iniciático aprende-se como agir conscientemente nos mundos espirituais. É evidente que a primeira iniciação ensina ao candidato como deve transformar a estrutura da sua energia num poder dinâmico; não há aí cerimônia externa, porque a iniciação desenrola-se no plano espiritual, como diz Heindel.

O caminho do nosso crescimento é muito longo e nele corremos muitos perigos. Os Irmãos Maiores esperam que, como eles, possamos realizá-lo. É por isso que terminavam os seus serviços no seu Templo espiritual com esse voto: “Possam as rosas florescer sobre tua cruz,” voto que se pronuncia também ao término dos serviços no Centro da nossa sociedade. ✪

ORAÇÃO

*Não te pedimos mais luz, ó Deus,
Senão olhos para ver a luz que já existe.
Não te pedimos canções mais doces,
Senão ouvidos para ouvir as presentes melodias.*

*Não te pedimos mais força,
Senão o modo de usar o poder que já possuímos.
Não mais amor, senão habilidade
Para transformar a cólera em ternura.*

*Não mais alegria, senão como sentir
Mais próxima essa inefável presença,
Para dar aos outros tudo que já temos
De entusiasmo e de coragem.*

*Não te pedimos mais dons, amado Deus,
Mas apenas senso para perceber
E melhor usar os dons preciosos
Que já recebemos de ti.*

*Faze que dominemos todos os temores,
Que conheçamos todas as santas alegrias,
Para que sejamos os amigos que desejamos ser,
Para transmitir a verdade que conhecemos,
Para que amemos a pureza,
Para que busquemos o Bem,*

*E, com todo o nosso poder, possamos elevar
Todas as almas, chispas do mesmo fogo divino,
A fim de que vivam em harmonia e na luz
De uma perfeita liberdade.*

Florence May Holbrook



LECTORIUM ROSICRUCIANUM
ESCOLA INTERNACIONAL DA
ROSACRUZ ÁUREA



chamados pelo coração do mundo



Joost R. Ritman

“No Evangelho de João é dito: Quem segue o Filho segue o Pai. Quem segue o Filho chama, ao mesmo tempo, o Consolador. O que quer dizer que os três fogos começam a arder todos ao mesmo tempo e não um após o outro. Portanto, o ser humano que começa a seguir o caminho traça imediatamente o Trigonum Igneum, o triângulo flamejante começa imediatamente a arder. Sabeis que o fogo dos mistérios é o principal e mais sublime símbolo de Deus, do Espírito, da Gnosis, do círculo da eternidade. A rosa em vós é Deus em potencial. A partir do momento em que o fogo sagrado começa a arder, desencadeia-se um processo ígneo. Então, Deus mesmo penetra em vós. Deus mesmo eleva sua voz. Os antigos maniqueus partiam da idéia de que, nos filhos do fogo, a luz estava misturada com as trevas. Sabemos que isso é perfeitamente correto. Devido a seu nascimento na natureza, o homem possui em si diversos elementos obscuros, os quais estão misturados aos elementos luminosos. Contudo, se começardes a palmilhar a senda da libertação, as trevas em vós serão apanhadas pelo fogo que se acendeu em vós. Tem início um processo ígneo: Deus mesmo penetra em vosso ser.

Catharose de Petri
O Verbo Vivente

De 1924 até a segunda Guerra Mundial, os irmãos Jan Leene (1896-1968) e Wim Leene (1892-1938), em Haarlem, Holanda, consagraram-se inicialmente à fundação e à divulgação de um cristianismo universal segundo os ensinamentos de Max Heindel, e, a partir de 1935, partiram para a organização de uma Rosa-Cruz independente. Eles tomaram essa iniciativa com base nos três manifestos da Fraternidade da Rosa-Cruz do século XVII, que descrevem um caminho espiritual ao alcance da humanidade comum.

Após a guerra, a organização passou a chamar-se Lectorium Rosicrucianum: Escola Internacional da Rosacruz Áurea. J. van Rijckenborgh (nome espiritual de J. Leene) e Catharose de Petri (1902-1990), nome espiritual da senhora M. Stok-Huizer, fundamentam sua obra sobre a Gnose universal e ligam-se ao cristianismo dos cátaros propagado pelo francês Antonin Gadal.

Nos anos 1950 eles revelam em suas conferências uma visão profunda do pensamento hermético e da Gnose egípcia, sempre em relação com o princípio espiritual divino, a “centelha do espírito” presente em todo ser humano. Nos anos 1960, eles alcançam uma poderosa visão espiritual do homem e de seu futuro próximo, que apresentam nas cinco conferências de “Aquarius”. No início do século XXI, o Lectorium Rosicrucianum compõe-se de um grupo de aproximadamente 15.000 alunos e atua em mais de quarenta países.

Estamos aqui reunidos no foco central da Escola Espiritual da Rosacruz Áurea, que tem como nome e divisa a palavra “renovação”: Renova. O coração deste foco é o Templo de Renova, dedicado pelos fundadores de nossa Fraternidade ao coração solar de nosso planeta-mãe, e por eles definido como sendo a força do Espírito central que impulsiona o universo infinito, o fogo espiritual, Vulcano.

No quadro deste nosso encontro, podemos falar sem reservas acerca do fundamento comum sobre os quais os predecessores e fundadores dessas correntes espirituais fizeram ressuscitar as estruturas transmitindo a antiga sabedoria hermética. Esta remete-nos à Hermes Trismegisto. Ainda mais próximo de nós, deparamos com o legendário fundador da Fraternidade da Rosa-Cruz, Pai-irmão Cristiano Rosa-Cruz, que, nas famosas “Núpcias Alquímicas”, declara: “Hermes é a fonte primordial”.

Enquanto Escola da Rosacruz Áurea, no final desta jornada tão especial à qual compareceram seis representantes atuais das correntes espirituais ocidentais, falaremos ainda a respeito do grande impulso espiritual que, no ano 1875, atingiu o mundo ocidental. Nesse ano histórico, a sociedade viveu uma das maiores e mais heróicas iniciativas que desencadeou uma revolução espiritual que unia os mundos antigo e novo. A fundação da Sociedade Teosófica por Madame Helena Petrovna Blavatsky e o coronel Henry Steel Olcott provocou uma reação, um choque que fez tremer em seus fundamentos a visão do mundo com relação a religião

e espiritualidade. Em meio a uma sociedade bem estabelecida e organizada, construída sobre as bases do cristianismo clássico instituído no ano 325 em Nicéia, com seus dogmas e sua hierarquia eclesiástica, surgiram novas idéias sobre a origem e o destino da sociedade.

Separados por nossos antecedentes, nossa educação e nossas tradições espirituais, estamos hoje aqui reunidos com base em um fundamento comum que atravessou os séculos. Mas encontramos-nos também num momento decisivo em que os frutos de inúmeros movimentos culturais se misturam no cadinho de um novo desenvolvimento da humanidade. Eis por que é extremamente importante ater-nos ao testemunho de nossos antigos mestres de sabedoria no que diz respeito à significação crucial do homem e sua ação neste mundo.

Em sua incomparável *Oração sobre a dignidade do homem*, conhecida como um manifesto da Renascença, Pico della Mirandola o explica do seguinte modo:

“Caros Reverendos Pais,

Em um escrito árabe, li que foi perguntado ao sarraceno Abdallah qual era a coisa mais miraculosa vista no cenário do mundo, e que ele respondeu: ‘Nada é mais extraordinário que o homem’. Essa opinião corresponde às palavras bastante conhecidas de Hermes: ‘O homem, ó Asclépio, é um grande milagre’ [...]”

E Pico continua: “Quando Deus, o Pai, o supremo mestre construtor, deu a última mão no templo magistral de sua divindade segundo as leis de uma

sabedoria oculta – a morada deste mundo para nós – ele ornamentou com espíritos o espaço acima do céu e criou no éter as eferas viventes feitas de almas eternas, e as partes inferiores onde as sensações e separações acontecem, e que são povoadas por uma multidão de animais. Mas quando o artista completou seu trabalho, ele desejou que qualquer um pudesse contemplar a coesão dessa obra considerável, amar sua beleza e admirar sua extensão. Eis por que ele não pensava senão no fim, na criação do homem – quando tudo estivesse terminado, assim como o testemunham Moisés e o *Timeu*. Então ele tomou o homem, uma obra sem forma determinada, colocou-o no meio do mundo e lhe disse: “E tu, Adão, não te demos nem um vasto lugar de permanência, nem um semblante próprio, nem certos dons em particular; nossa intenção é que adquiras e utilizes o lugar de permanência, o semblante e os dons que escolherás segundo teus desejos e tuas concepções. A natureza dos outros está fixada e encontra-se submetida às leis prescritas por nós. Tu estás submetido a certos limites, porém determinarás para ti mesmo tua natureza segundo a livre vontade que te conferi. Pus-te no meio do mundo para que, dali, tu possas contemplar facilmente tudo que existe. Não te fiz nem celeste nem terrestre, nem mortal nem imortal. Como artista livre e soberano, tu, teu próprio escultor, deves fazer de ti a imagem que escolherás. Podes degradar-te nas formas inferiores, animais, porém podes também – por decisão pessoal – renascer nas formas superiores, divinas.”

Pico della Mirandola aborda em seguida as grandes correntes culturais que apareceram há

aproximadamente cinco mil anos, quando os antigos mitos da criação e as grandes religiões mundiais foram adaptadas aos buscadores da verdade então iniciados nas antigas escolas de mistérios.

O homem vive em certo pequeno planeta, de circunferência aproximadamente igual a 40.000 km: a terra que, há 12.000 anos, era povoada por alguns milhões de habitantes. Na época em que Pico della Mirandola publicou sua *De hominis dignitate oratio*, essa mesma população havia chegado à casa dos 400 milhões de habitantes, e quando H.P. Blavatsky fundou, na segunda metade do século dezenove, o movimento Teosófico, a população mundial atingira o número respeitável de um bilhão de pessoas. Estamos convencidos de que por trás desse inimaginável movimento da evolução humana e cósmica, está sendo preparado ao mesmo tempo um despertar espiritual ao qual o espírito humano deve confiar-se, apesar dos limites naturais inerentes a seu nascimento.

Por um lado, descobrimos esse desenvolvimento misterioso planetário, a coesão cósmica do sistema planetário integrado ao imenso campo do sistema zodiacal desembocando num universo infinito com seus bilhões de astros e de galáxias. Por outro lado, vemos no interior disso tudo, a chegada misteriosa do homem, dessa criatura, embora imperfeita, formada da substância estrutural do universo infinito, a matéria estelar que explica a criação e seu criador.

Nesse misterioso sistema planetário, o homem do princípio, vulnerável e mortal, devia defrontar-se

Como artistas livres e soberanos, possamos ser nossos próprios escultores e nos representar sob a forma que nós mesmos escolhermos

quotidianamente com a natureza invasora e perigosa, onde sua vida, nessa época, terminava após algumas décadas. Em dez mil anos, o ser humano, graças a seus desenvolvimento sensorial em meio às forças esmagadoras da natureza, criou possibilidades de dominar esta natureza e sobreviver por muito mais tempo. Atualmente ele se encontra em vias de ultrapassar essa barreira: a idade de cem anos, e, com seu irresistível instinto de conservação, ele gerou uma população terrestre de 6 bilhões de indivíduos, que cresce sempre. Com efeito, espera-se que a população mundial conte com nove bilhões de seres humanos até o fim do século vinte e um.

Foi dado ao homem de nossa época compreender que, desde o início de sua história, ele é um ser mortal, um ser que evolui e, como também o diz a Rosa-Cruz, “perceber a razão pela qual ele é chamado de microcosmo”. É-lhe assim dado compreender em profundidade que a cada geração esta terra nada mais é que um domínio de passagem para todas as ondas de vida futuras acompanhadas sempre de seu progresso cultural.

O tempo passa rápido, a veste muda, porém a vida mesma é constante. E, no centro, está o homem, assim como o proclamam os filósofos da Renascença e da Rosa-Cruz do século XVII, sob a forma de um “microcosmo”, de um pequeno mundo. O homem foi aí colocado como instrumento de percepção. Ele participa da trindade: Criador - criação - criatura; Deus - cosmo - homem. Ele faz parte do processo de mudanças e renovações ininterruptas.

Disso resulta que a consciência humana é a chave, pois ela é o instrumento em condição de registrar esse processo ininterrupto da vida, de movimento, de transformação. Isso faz com que ela se encontre junto a seu Criador e na criação, em total cooperação para o seu próprio porvir.

Assim, tornamo-nos cômicos de ser companheiros unidos pelo destino, sócios e companheiros de viagem no caminho de desenvolvimento vertiginoso da vida neste planeta.

Formamos, pois, a ligação entre a corrente de vida humana atual e os precursores espirituais que encarnaram há dez mil anos nesta terra, e que designamos como fundadores das sete grandes religiões mundiais. A fonte criadora de sua perfeita iniciação se explica pela seguinte definição concisa: “No princípio era o Verbo” – o Logos, que criou a vida.

Essa sabedoria original dá a explicação fundamental de como vieram a manifestar-se, com base no Espírito Sétuplo, no divino Vulcano, os sete aspectos da criação original. De que maneira uma força solar espiritual se dividiu em sete radiações a fim de produzir a vida em toda sua força espiritual, vivificadora e formadora. É a “prima matéria”, a substância original, a força sétupla santa e indivisa que, na origem, era “o Espírito pairando por sobre a face das águas” para conduzir o processo de criação e de recriação até a manifestação do Espírito onipresente.

Reconhecemos também aqui o o axioma da filosofia hermética gravado na Tábua de Esmeralda:

É verdade, é certo, é a verdade toda.

*O que está embaixo é como o que está em cima,
o que está em cima é como o que está embaixo,
para que os milagres do Uno se realizem.*

O homem, na qualidade de microcosmo, é o portador da chave e o instrumento da realização. Após a criação da forma, e pela força vivificadora de seu desenvolvimento interior, ele se liga ao Espírito com sua alma imortal.

E hoje perguntamos: “Que influência podemos ainda exercer sobre os tempos vindouros, e não será essa influência ainda muito fraca em vista de um período que apenas se encontra em seu início? Somos tão-somente filhos do século e raramente somos capazes de dominar a sombra causada pela nossa presença...!”

Não está a chave principal presente em todos os relatos da criação – dos egípcios, chineses, indianos, babilônios, gregos, judeus – e por fim também na gnose árabe e na gnose cristã? Uma chave que está ligada à questão: Por que o homem é chamado de microcosmo? Por que, sendo não criado, um dia ele foi criado? E por que, depois de ter sido criado, isso não quer dizer que essa criação seja perfeita? Por que está estabelecido que a forma humana, tal como a conhecemos, deve passar por um processo de grandes modificações bilógicas?

As escolas iniciáticas já não ensinam há séculos que somos viajantes do espaço numa dimensão que não pode ser medida pelo tempo? Que, ao lado da realidade visível e mensurável mediante espaço e tempo, existe um mundo de idéias que ultrapassam de longe nosso poder de imaginação, um mundo animado que se encontra na base da consciência interior que ele nos fez adquirir?

Todas as antiquíssimas sagradas escrituras não falam de um mundo espiritual, de onde provêm a matéria

e a energia, o mundo que Hermes descreve como uma esfera espiritual cujo centro está em todos os lugares e cuja circunferência não se encontra em lugar algum? Que nessa esfera se encontra o fogo criador divino, de onde provém a centelha divina que todos vós trazeis no coração? Não é o fogo original oculto que constitui o diamante do qual é formado o núcleo de vossa forma microcós mica?

Não se encontra a criação, a matriz da vida futura, já há bilhões de anos, amorosamente aberta ao fogo divino? A fórmula da vida santa e imutável não seria o código genético oculto em nós? Não é ela o reflexo da criação e da manifestação?

Por conseguinte, detenhamo-nos por um instante nesse grandioso princípio do “coração do mundo”, o diamante que é o coração de nosso planeta, onde, há bilhões de anos, o código criador da vida futura foi depositado como mecanismo de alta precisão. Faz-se necessário explicar os três aspectos originais desse minucioso mecanismo, a criação provinda do coração do mundo:

A criação espiritual, que se dá a conhecer.

A criação animada, que é o movimento.

A criação visível, que é a manifestação.

Espírito – alma – matéria, os três que são *um*; o cosmo, como ornamento do mundo, no interior do processo de movimento e de transformação eternos. No centro desse imenso coração pulsante do mundo, o criador está ligado à sua criação e ao ser humano. *Tudo que respira ama o Senhor!*

Emanando desse grandioso princípio primordial que tudo move, foi formada, nos últimos dez mil anos, uma Fraternidade, uma Ordem que se manifestou explicitamente sob a forma de Fraternidade mundial sétupla. Do abismo aparentemente infranqueável de culturas e movimentos espirituais separados há tempos por espaço e tempo, esboça-se a forma de uma nova consciência no interior de uma

Quando permitimos que o outro-em-nós tenha acesso a nós, ele nos explica a origem de nossa evolução

comunidade de almas que engloba o mundo, onde todos se reúnem e formam uma unidade, talhados como diamantes de uma única coroa.

Surge então uma linha espiritual contínua, que age de modo a dar, a cada segundo, um novo alimento espiritual ao sangue da consciência humana em desenvolvimento com base no coração do mundo. Hoje, reunidos como grupo central que representa o raio de ação desse grande unidade espiritual, fazemos parte de uma aliança que engloba o mundo e a humanidade.

O aumento vertiginoso de informações que nos chegam dos quatro pontos cardeais dá lugar a uma curva de velocidade constituída de duas componentes: a aceleração do tempo e a redução do espaço. Isso dá origem a um novo paradigma denominado “globalização”. Por um lado, a penetração no mundo, até suas mínimas partículas, de uma energia emergente, e, por outro lado, o resultado dessa penetração até os limites exteriores. Isso é descrito pela ciência física sob a forma de uma ordem implícita: uma grande quantidade de informações que remontam até o início, até à criação – e sob a forma de ordem explícita: a propagação cada vez maior de informação, que podemos definir como uma “eliminação de fronteiras”, tendo como consequência a derrocada, no último milênio, de um cenário referencial familiar a cada pessoa.

Desse modo, os grandes movimentos espirituais encontram-se diante de uma incrível tarefa, sim, de uma verdadeira ação intrépida, o sistema mental fechado que chamamos de concepção geocêntrica

do mundo deverá ser substituído por um sistema mental aberto que chamaremos de concepção hermétrica ou heliocêntrica do mundo.

Ao mesmo tempo, ligaremos a percepção no interior do cenário referencial bem conhecido ao cenário referencial desconhecido de uma nova consciência. Vamos descobrir o elo que falta em nossa consciência, em nosso próprio interior. Assim como um viajante atravessa uma fronteira e enriquece suas percepções à vista de novas paisagens, nós devemos passar por cima de nossas próprias limitações determinadas por nossa presença no espaço-tempo.

Nos próximos anos surgirá uma nova área de conhecimento que, alimentada pelos novos sistemas, modificará fundamentalmente nossa consciência e por conseguinte nossas percepções, que dela dependem, tal como a essência da sabedoria e do conhecimento acumulada gota a gota, que os antigos brâmanes designavam como “o néctar da imortalidade”, que começará a agir “nos homens, com os homens e por meio dos homens”. Do mesmo modo como o sumo da uva se transforma em vinho por meio da fermentação, e o fermento leveda a massa para preparar o pão, assim também a colheita de milhares de anos em experiência de sabedoria por um grupo relativamente pequeno de almas humanas se evidenciará e se tornará ativa como fator de fermentação espiritual na sociedade. Essa é a razão de os mandatários da hierarquia espiritual invisível trazerem novamente à luz a nobreza do destino e da vocação do ser humano.

Atualmente somos os sucessores, representantes e responsáveis diretos dessa tradição que remonta à origem, a fim de tornar conhecida a nova etapa necessária para o retorno completo da humanidade: dar prova de um novo poder humano e vivificar nosso companheiro interior, o Outro em nós, a alma imortal. Quando concedemos acesso a esse companheiro em nós, ele nos explica a origem da gênese humana, e uma nova percepção bem como o autoconhecimento crescem em nós.

Tornar-se-á claro para nós que cada forma de vida que podemos conceber tem um sentido e uma importância neste maravilhoso planeta com suas inumeráveis formas de vida.

Que uma coisa sempre parecerá ser a companhia destinada de outra.

Que o indivíduo é convocado a permanecer a serviço do coletivo, da sociedade.

Que o menor permanece sempre a serviço do maior.

Que o maior sempre se doará a fim de tudo penetrar com sua força espiritual.

Tal como o tecelão segura nas mãos os sete fios a fim de produzir um novo modelo, as sete correntes originais, que no decorrer de milhares de anos vêm se derramando sobre toda a raça humana, também revelarão uma nova perspectiva, um quadro referencial que será reconhecido por cada um e que aparecerá no curso das profundas mudanças do novo período.

Nessa força, os sete raios que emanam do Coração do mundo, o coração solar deste planeta, formarão sete círculos áureos que se influenciarão mutuamente na linha divina da libertação sétupla: a *catena aurea homeri*; a corrente áurea original de Homero aparecerá, formada por milhões de homens-almas que, nessa corrente áurea, poderão ver seu passado, sua tarefa atual e seu futuro.

Estamos hoje aqui reunidos na radiação de vida segundo o espírito e a alma a fim de manifestar nossa ligação e unidade segundo a corrente imutável dos irmãos e irmãs que, há milhares de anos, envolve com seu manto de luz nosso tão sofrido e atormentado planeta segundo a antiga divisa: “Deus é amor”. E na força do amor, queremos encerrar com um poema do fundador da Escola Espiritual da Rosacruz Áurea, J. van Rickenborgh ✪

*Deus faz soar chamado
destinado aos filhos seus.*

*O som alcança o ouvido que
já sabe escutar.*

*Recebe novas forças quem
pode ouvir sua voz que está a chamar.*

*Na senda que das trevas leva à Luz,
é dádiva sublime a voz de Deus.*

*Com firmes mãos
para a pátria vamos acenar.*

*Virá ao nosso encontro a Luz,
que as trevas extinguirá.*

*A fonte que oculta é
cintila em seu jorrar.*

*Santo fogo do Espírito
irradia em tudo seu fulgor.*

*Chamada pelo coração do mundo
e acima da inimizade e dor*

*a nova ação
se eleva à glória do Senhor.*

“Nascidos da ordem espiritual de Jesus Cristo, os mansos herdarão a terra e regozijar-se-ão em grande paz. Tende a coragem, amigos, de ser mansos! Travai vossa batalha com o auxílio do flamejante fogo do amor impessoal. Nada forceis e não sejais agressivos. Deixai a mansidão realizar o milagre da vitória”.

J. van Rijkenborgh,
O mistério das bem-aventuranças, cap. 6.



chamados pelo coração do mundo

BILTHOVEN, 23 DE MAIO DE 2009
CONCLUSÃO

Muitas são as iniciativas para salvar nosso planeta: é necessário equilibrar o clima, a economia, o consumo de água, a saúde, a ciência, uma religião vivenciada e o livre pensar no caminho de uma sociedade harmoniosa.

Em muitos lugares o mundo dá seus primeiros passos para a mudança, e uma nova sociedade promissora delinea-se no horizonte.

Sete organizações espirituais atuais interessam-se pela consciência interior do ser humano. E fazem-no pela idéia de que é essencialmente do coração do mundo – a Alma do Mundo de que fala Platão, o Espírito divino – que vem um impulso espiritual para religar os homens entre si e abrir olhos e corações a fim de que o ser humano alcance de modo sensato seu verdadeiro objetivo. Esse novo desenvolvimento da humanidade desponta no horizonte e já iniciou.

Em outras épocas, houve pioneiros que, com um espírito ativo, um amor ardente e um trabalho incansável abriram caminho a muitos. Hoje, todas as almas conscientes são chamadas a empregar seus poderes interiores.

A incumbência não repousa apenas sobre alguns; hoje cada um tem a responsabilidade sobre sua mudança espiritual. Aumenta a idéia de que “se não fazemos tudo que podemos, fazemos menos do que devemos”. Muitos buscam alcançar um caminho pleno de sentido e associam-se para isso. Todos são necessários. Uma vida que tem um sentido é mais que uma vida de acordo com a

natureza e o ambiente. Uma vida que tem sentido é a que progride do ponto de vista humano e do ponto de vista espiritual, que tem os olhos fixos na autêntica natureza do ser humano: trata-se de uma luz semelhante a uma borboleta, pura como fogo espiritual no qual submergem os desejos e os pensamentos materiais.

Portanto, é necessário que a natureza se purifique graças ao amor e ao serviço ao próximo.

Então desdobra-se a radiação do homem interior original, primeiro como uma forma silenciosa, uma matriz, depois como uma disposição benevolente da alma que se tornou consciente do coração do mundo.

ASSIM, CONCLUÍMOS QUE:

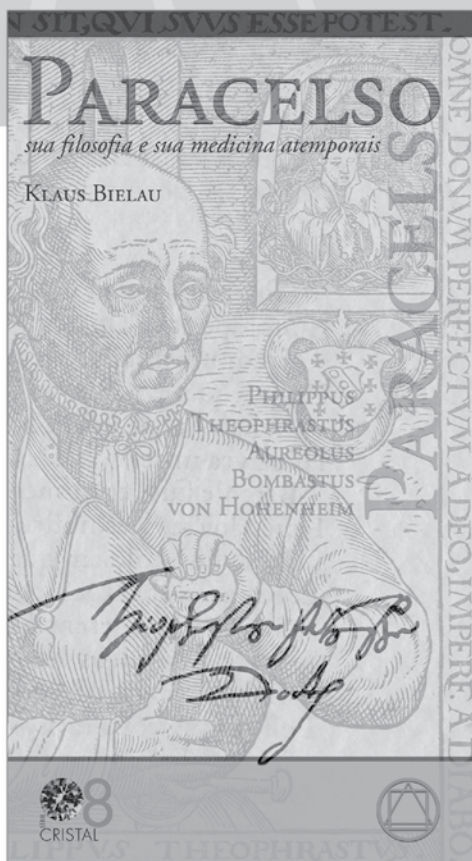
- Todas as religiões buscam a única verdade
- A fonte de força, sabedoria e amor é inviolável
- Deus está em si mesmo, o mundo está em Deus, e o homem está no mundo
- A missão do homem é: manifestação da matéria, manifestação da alma, manifestação universal
- No coração está o acesso a nosso ser espiritual
- Com a luz interior o homem pode tudo penetrar
- O serviço ao próximo em autoesquecimento é o mais curto e mais alegre caminho que leva a Deus
- Há apenas um Espírito em toda a criação: ele vive em nós e dá sentido à vida

- Libertemos o espírito infinito pelo realização do “Outro em nós”
- Reflitamos em espírito sobre nós mesmos, conheçamos a nós mesmos. Quem conhece a si mesmo conhece o universo. O universo está no homem
- Por meio do nosso coração amoroso podemos vencer a separação entre os homens

Nossa convocação é:

*Homem,
vai para o âmago do teu interior!
Acha o caminho que da matéria leva ao mistério!
Retorna à fonte primordial divina,
no agora vivente!*





PARACELSO

sua filosofia e sua medicina atemporais

KLAUS BIELAU

Quais as verdadeiras causas das doenças? Como curá-las? Neste livro, o autor nos desvenda Paracelso, filósofo, alquimista e o médico mais famoso de sua época, que respondeu a essas questões ao mostrar o que é a Medicina superior, capaz de realizar a cura fundamental do ser humano. É preciso buscar a perfeição, na qual estão força e poder, a fim de alcançar a verdade. Essa fonte de perfeição está em Deus.

EDITORA LECTORIUM ROSICRUCIANUM
Caixa Postal 39 - 13 240 000 - Jarinu - SP - Brasil
Tel (11) 4016.1817 - fax 4016.3405
livros@lr.org.br

NÚMERO DE PÁGINAS: 112
R\$ 24,00
ISBN: 978-85-88950-51-1



No centro de conferências Renova em Bilthoven, Holanda, no dia 23 de maio de 2009, sete oradores ligados a sete organizações espirituais diferentes direcionaram um apelo à sociedade com vistas às profundas mudanças de todos os aspectos da vida com inspiração, com clara percepção, significado e diálogo.

Em nosso dilacerado mundo materialista e racionalista cresce grande anseio por uma espiritualidade verdadeira: pela restauração da ligação com o Espírito uno, que dá vida à criação inteira e se encontra também em nosso interior mais profundo.

Trata-se de uma ligação que traz iluminação e harmonia.

Para encontrarmos essa profundidade dentro de nós mesmos, devemos aprender a negar nosso pensar e sentir voltados para o eu.

Dessa maneira podemos alcançar outra vez nossa consciência original, a alma original. Porque ela é uma irradiação da Alma do Mundo que liga todos com todos.

TEOSOFIA

FRANCO-MAÇONARIA

ANTROPOSOFIA

MOVIMENTO SUFI

ORDEM ROSACRUZ AMORC

FRATERNIDADE ROSACRUZ

LECTORIUM ROSICRUCIANUM